

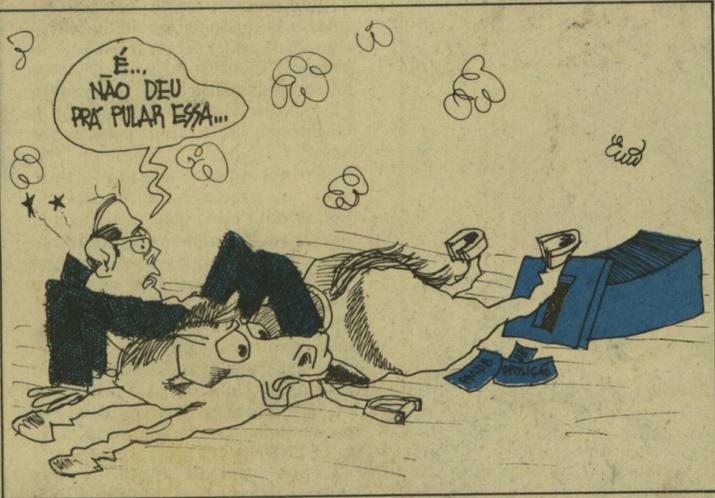
Tribuna Operária

ANO IV — Nº 97 — DE 29 DE NOVEMBRO A 5 DE DEZEMBRO DE 1982

Cr\$ 50,00

A esmagadora derrota do PDS nas eleições

A oposição teve quase 10 milhões de votos a mais que o PDS em todo o país. Figueiredo foi batido nas urnas. Página 3



Devemos aguentar Figueiredo até 1991?

O general não quer mais sair do Palácio do Planalto, mas o povo quer eleições diretas para a Presidência. Página 4

Gráficos querem varrer Maffei do Sindicato

Os acordos espúrios com o patronato, a dedução e a corrupção da diretoria do Sindicato dos Gráficos de São Paulo. Página 5

EDITORIAL

Eleições nas capitais

Merece todo apoio a emenda de autoria do senador Mauro Benevides, do PMDB cearense, que será apresentada ao Congresso Nacional para devolver ao povo o direito de eleger os prefeitos das capitais dos Estados e dos municípios de "segurança nacional". Não tem legitimidade o processo de nomeação destes prefeitos pelos governadores. Isto vale para todas as capitais. E muito especialmente para os Estados onde o PDS ficou com o governo do Estado, pois mesmo neles o eleitorado da capital manifestou-se claramente pela vitória da oposição. Em Salvador, para cada voto governista, o PMDB conquistou aproximadamente quatro — foram eleitos 26 vereadores do PMDB, contra apenas seis do PDS. Em Recife a vantagem da oposição foi tão grande que o PDS prometeu a seus fiscais 40 mil cruzeiros para cada urna anulada, para evitar uma vitória do PMDB.

As eleições realizadas significaram uma importante batalha democrática. A conquista do direito de eleger os prefeitos de todos os municípios é uma consequência natural desta luta. Os governadores eleitos pelo voto não têm porque recusar expor novamente suas idéias e seus candidatos ao veredito das urnas.

Mas o regime militar não respeita o pensamento da maioria. O ministro da Justiça já anunciou que o governo vai fazer tudo para rejeitar a emenda. Ou seja, vai acionar sua máquina parlamentar — que o povo repudiou nas urnas — como os senadores biônicos, e impor em muitas capitais prefeitos do PDS, baseados no peso de seus currais eleitorais do interior. Vale notar que o único senador governista que havia assinado a emenda Benevides, após ouvir o comando do governo militar curvou-se e retirou sua assinatura.

Vai ser necessária uma ampla campanha democrática para pressio-

nar a aprovação desta emenda até março. Todas as correntes progressistas têm o dever de se empenhar nesta luta. Os partidos oposicionistas, que disputaram entre si no dia 15 o voto popular, precisam encontrar uma forma de se unirem em torno desta importante questão. Os governadores democratas, eleitos pelo voto do povo, os prefeitos dos demais municípios, os parlamentares, todos têm um compromisso de honra com esta emenda.

Sempre, em todas as capitais ocorreram eleições diretas para prefeitos. Esta era uma grande conquista popular. Mas depois que os generais tomaram o poder, em 1964, trataram de liquidar esta conquista. Passaram a impor prefeitos que servissem à sua política anti-nacional e anti-popular. E ainda trataram de proibir as eleições também em cidades que consideram de "segurança nacional", como Santos, Marabá, e todos os municípios do Acre. Os prefeitos dessas cidades têm que ser indicados pelo governador do Estado — que também eram impostos pela ditadura militar. E, mesmo assim, só seriam empossados se as indicações fossem aprovadas pelo presidente.

Mas agora, com a conquista popular das eleições dos governadores, não há o que justifique esse procedimento arbitrário dos militares no poder. A escolha direta dos prefeitos, e a própria exigência de eleições diretas para a presidência da República em 1985, são medidas imediatas, que podem aglutinar grandes forças oposicionistas. O próprio general Figueiredo, ao se converter em cabo eleitoral do PDS, acentuou ainda mais o caráter plebiscitário das eleições. E a derrota nacional imposta ao governo pelo povo, nas urnas, indica a necessidade da eleição direta para presidente. As lições recentes das eleições mostram que a chave para a vitória é a unidade, e a mobilização de massas.

Kid Reagan vem saquear o Brasil

Ronald Reagan chega ao Brasil terça-feira. Vem apresentar a Figueiredo a conta pela "ajuda" que deu ao Brasil não pedir falência até a eleição. Passado o dia 15, o país cai nas garras do FMI, o superbanco mundial chefiado pelo capital ianque. E o presidente Reagan quer receber em troca o alinhamento do Brasil à sua política. Em São

Paulo, o PMDB, PT, PDT, Comissão Pró-CUT, UNE, UEE, UBES, UPES, Comissão de Justiça e Paz, Comissão de Justiça e Não Violência e outras entidades convocaram um ato de protesto para quarta-feira. Nenhum brasileiro patriota pode ficar indiferente à visita deste carniceiro, que ensanguentou a Palestina e El Salvador, e que governa a maior potência espoliadora do mundo. Leia na página 2.



Nos governos de oposição o povo deve ser ouvido

A população deve participar dos governos de oposição. Pág. 4

Mulheres foram as mais votadas em Salvador

A TO ouviu as três vereadoras baianas, campeãs de voto. Pág. 8



Adoniran olha São Paulo, a cidade que cantou em seus sambas

Morre o sambista de São Paulo, Adoniran Barbosa

Em meio ao fechamento desta edição, fomos surpreendidos pela notícia da morte de Adoniran Barbosa. Autor de "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze", Adoniran foi um dos principais nomes da nossa

música. A única homenagem que recebeu do governo paulistano foi a mudança do nome da rua em que a Tribuna Operária tem sua sede, que agora passou a chamar-se Rua Adoniran Barbosa.



Na porta da Ford, os operários festejaram a vitória da oposição

Operários animados com derrota do governo

Nas fábricas, a crítica à divisão da oposição. Pág. 8

Zumbi, rei dos Palmares e de todos oprimidos

Clóvis Moura escreve sobre a luta de Zumbi. Pág. 7

Líder camponês leva três tiros no Maranhão

Grileiro assassina presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Santa Duzina. Notícias e memória Fundação Maurício Grabois

O que este gringo vem fazer aqui?

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, anunciou que o Brasil fará uma frente única com os Estados Unidos na reunião do Gatt — sobre o comércio internacional. Ao que tudo indica, esta é parte do pagamento pelo "favor" que Ronald Reagan fez ao Brasil, evitando que ele recorresse ao FMI antes do 15 de novembro. Dia 30, Reagan estará aqui, fazendo mais cobranças. Com juros e correção monetária.

O Brasil "quebrou" em setembro. E o risco político de que esse novo desastre econômico atingisse profundamente o sistema financeiro internacional só foi evitado através de uma intensa mobilização de autoridades brasileiras e norte-americanas. A um custo ainda não conhecido publicamente, elas não deixam o Brasil cair no imenso buraco a seus pés.

No início do ano o governo esperava obter um saldo comercial de 3 bilhões de dólares. Mas talvez não consiga cumprir nem um sexto dessa meta. Outro sinal de que as dificuldades cresceriam ocorreu em junho, quando Delfim Netto não conseguiu ser recebido por Donald Regan, o secretário do Tesouro americano. Delfim tinha uma audiência marcada mas na última hora Regan desmarcou-a, sem explicações.

A situação ficou crítica em setembro. Entre os dias 3 e 9, várias agências de bancos brasileiros em Nova Iorque deviam e não tinham como pagar. O Banco do Brasil as socorreu, mas o sinal de quebra era claro. Começou então o corre-corre dos ministros, banqueiros e tecnocratas.

O peso brutal da dívida externa

A dívida externa brasileira, oficialmente, é de 72 bilhões de dólares "apenas". Este número, na verdade, deve ser maior do que o admitido oficialmente, pois não inclui a dívida a curto prazo, com vencimentos em menos de 12 meses, que chega a uns 16 bilhões de dólares. Isso significa que, no final de 1982, a dívida deverá estar por volta dos 88 bilhões de dólares, um número espantoso, um quarto do Produto Interno Bruto.

Para "rolar" uma dívida desse tamanho, o Brasil deve obter dólares através de saldos na balança comercial. Isso, no entanto, tem sido impossível pois o país não está conseguindo exportar em quantidade suficiente. E, além disso, o preço dos principais produtos brasileiros caiu abruptamente no exterior, enquanto que os produtos importados pelo país vêm encarecendo. É aí que começa a nossa história.

tro com George Shultz, depois de discursar na ONU, não teve acanhamento de pedir socorro. selado o acordo, os americanos começaram a se mexer. Donald Regan o mesmo que nem quis receber Delfim, convocou a imprensa para elogiar o Brasil e pediu aos banqueiros que continuassem emprestando ao país. O próprio presidente Ronald Reagan falou pessoalmente com banqueiros americanos para continuarem emprestando dólares, evitando que o Brasil tivesse de recorrer ao FMI antes das eleições de 15 de novembro. Isso poderia levar a uma derrota arrasadora do PDS nas urnas, coisa que os americanos queriam evitar. David Rockefeller procurou convencer os bancos pequenos e médios dos EUA a continuarem emprestando ao Brasil.

Agora o presidente americano vem cobrar o "favor" que prestou

A operação-tapa-buraco prossegue. O governo tem apelado para expedientes como os "empréstimos-ponte" (bridge loans), que aumenta ainda mais a dívida a curto prazo. Ao mesmo tempo, bate à porta do FMI. Dia 30, quando Reagan chegar ao Brasil, estará aqui uma missão do FMI, fazendo uma radiografia minuciosa da economia brasileira.

Reagan vem cobrar o favor. O governo Figueiredo chegou às eleições sem recorrer ao FMI graças ao empenho pessoal do presidente americano. Não se sabe exatamente o que Reagan desejará colher, mas existem indícios. Fontes do governo francês, por exemplo, dizem que o Brasil encontra-se fraco diante dos americanos, que tentariam reerguer sua política na América do Sul, em frangalhos desde a Guerra das Malvinas. Outro indício: em conversa com Shultz, Mario Garnero opinou que o Brasil deveria abandonar imediatamente o "terceirmundismo" de sua política externa.

Assim, os dólares para "rolar" a dívida devem entrar. Mas a dívida crescerá ainda mais. Para fechar as contas de 82, o Brasil precisaria de novos empréstimos no valor de 17,5 bilhões de dólares até dezembro. Numa hora de crise, com o México, Argentina, Polônia, etc. renegociando suas dívidas, a situação ficou preta para Delfim Netto e seus auxiliares.

Só com a ajuda de Reagan teria êxito a operação-tapa-buraco

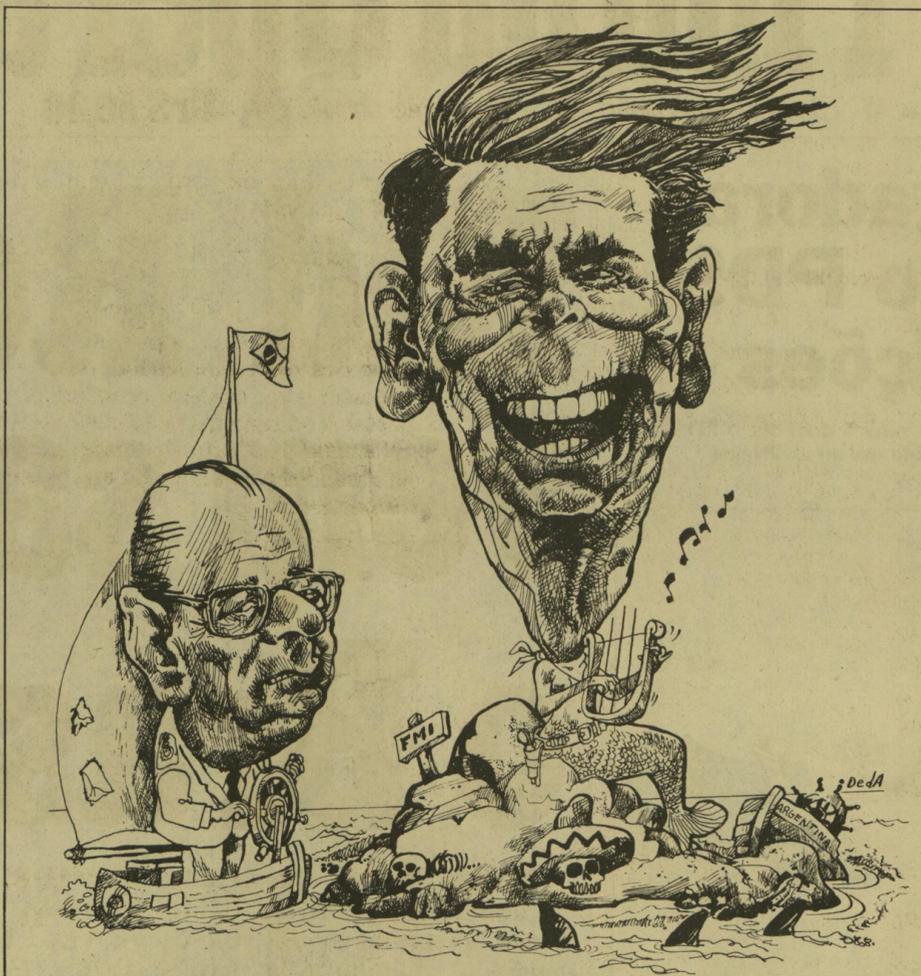
Em seu desespero, as autoridades brasileiras tentaram por todas as maneiras convencer os credores de que o Brasil é diferente dos outros devedores. Mobilizaram para isso todos os ministros da área econômica, o do Exterior, empresários como Mario Garneiro e David Rockefeller. Camilo Pena foi aos EUA. Os banqueiros Nestor Jost, Eliezer Batista, Eudoro Vilela e Olavo Setúbal reuniram-se nos EUA com David Rockefeller, para explicar a situação. Galvêas encontrou-se com 50 banqueiros americanos, Carlos Geraldo Langoni com outros 50. O ministro Saraiva Guerreiro almoçou com nada menos que 200 banqueiros e empresários americanos.

A operação-tapa-buraco, entretanto, não teria êxito sem uma ajuda decisiva do governo americano. O empresário Mario Garneiro, presidente do Brasilinvest (uma empresa que articula investimentos estrangeiros no Brasil) procurou o secretário de Estado dos EUA, George Shultz, que além de seu amigo pessoal é conselheiro do Brasilinvest. Nessa longa conversa, Shultz quis saber, entre outras coisas, qual seria o destino de Delfim Netto. E ficou satisfeito ao saber que ele permaneceria no Ministério e tinha a confiança de Figueiredo. Shultz, que foi professor de Langoni na Business School of Chicago, entrou na operação-tapa-buraco.

Figueiredo não teve acanhamento de pedir socorro em Nova York

Neste interim, o general Figueiredo resolve ir à ONU. Camilo Pena e Galvêas seguem para os EUA, para preparar a visita. Garneiro também. E no fim de setembro formaliza-se um pacto entre Shultz, Galvêas e Delfim. Os americanos prometem "ajudar" o Brasil, com as seguintes condições para nosso país: reduzir a dívida a curto prazo; não aumentar a de longo prazo; e manter discrição, para não "enciumar" outros países.

Figueiredo foi a Nova Iorque mais para falar aos americanos do que ao mundo. Num encon-



A política aventureira de Reagan

O presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos, anunciou no começo da semana passada que instalará cem mísseis nucleares gigantes em seu país. São os famosos MX, que o presidente anterior, Jimmy Carter, não conseguiu instalar devido à grande oposição que sofreu — dentro e fora dos EUA. A oposição aos armamentos é hoje ainda maior que há dois anos atrás, e a intolerância de Reagan deixa claro sua decisão de, cada vez mais, preparar os EUA para a guerra.

O presidente ianque teve o descaramento de chamar de "guardas da paz" a essas armas, cada uma delas capaz de pulverizar em segundos toda a cidade de São Paulo com seus 12 milhões de habitantes. Ele argumenta que o grande aumento de poder bélico americano é um "esforço para reduzir os riscos de uma guerra entre os EUA e a União Soviética.

RESPOSTAS VIOLENTAS

Não é verdade. Os EUA não têm nenhum plano para reorganizar racionalmente o desmoronado sistema mundial de relações entre os países. Todas as suas ações mostram que ele vem respondendo com violência aos problemas colocados pela profunda crise política e econômica do mundo. E estas ações estão aumentando, e não diminuindo, a instabilidade mundial.

A despeito da enorme oposição interna e externa que vem sofrendo, Reagan aumenta progressivamente a ajuda militar à ditadura militar de El Salvador, que enfrenta a luta armada de seu povo. Ao mesmo tempo, a imprensa denuncia um plano dos EUA para derrubar, pela força, o regime sandinista da Nicarágua — plano que mobilizaria 16 bilhões de dólares e armaria de 500 a 1000 mercenários para ações internas nesse país.

O governo americano trama seus ataques à América Central principalmente a partir de Honduras, onde investe mais de 10 milhões de dólares em "ajuda



A corrida armamentista ganha novos impulsos com o belicismo dos EUA

militar". No final do ano passado havia 18 assessores militares americanos em Honduras. Em abril, havia 90.

COMOÇÃO NO MUNDO

Estes esforços truculentos causam profunda comoção no mundo inteiro, levantando protestos mesmo dos aliados americanos na Europa. Na América do Sul forças políticas importantes estão se colocando contra Reagan. O exemplo mais claro da intolerância dos EUA e de sua incapacidade para reorganizar as forças sob sua liderança no mundo, foi a guerra das Malvinas. Nesse caso, os EUA se colocaram decididamente ao lado dos esforços bélicos e colonialistas da Inglaterra contra a Argentina.

Ao lado dos EUA se colocaram os seus aliados europeus, mas a guerra levou ao desmoronamento da Organização dos Estados Americanos (OEA), levando muitos especialistas a dizerem que o sistema de relações internacionais dificilmente seria reorganizado.

Igual efeito teve a hostilidade de Reagan ao regime de Muamar Kadafi, da Líbia, a quem acusa de subvencionar a guerrilha mundial. Aviões americanos invadiram o espaço aéreo líbio, em

provocação contra Kadafi. Os EUA expulsaram o corpo diplomático líbio de seu país e aumentaram enormemente a ajuda militar aos inimigos da Líbia (o Egito, principalmente, recebeu um aumento de 550 para 900 milhões de dólares). Os EUA ainda montaram um grande plano para isolar a Líbia internacionalmente.

USANDO ISRAEL

Reagan também não fez praticamente nada para solucionar a crise do Oriente Médio, principalmente porque ainda não desistiu da tática americana de sustentar Israel como policial da região. A importância crescente dos países árabes (devido ao petróleo) e os desmandos sucessivos e abusivos de Israel, alteraram um pouco a posição americana. Principalmente porque a violência de Israel está-se tornando insuportável politicamente. Os EUA criticam e pressionam Israel, mas não têm um plano para resolver o problema palestino e persistem na ajuda militar a Tel Aviv. As denúncias de que a URSS está montando bases no Golfo Pérsico levaram os EUA a acalantar inclusive a idéia de aumentar suas próprias bases, incluindo Israel entre elas.

O descalabro mais perigoso causado por essa política externa aventureira e belicista, do ponto de vista dos EUA, foi o confronto de Reagan com os países da Europa Ocidental que fornecem equipamento para o gasoduto soviético. Os países europeus não cederam às imposições de Reagan, que viu-se obrigado a voltar atrás — numa de suas maiores derrotas.

Um balanço geral mostra que a ameaça de guerra é cada vez mais forte, ainda mais porque não há sinal de que a crise econômica seja resolvida. Pelo contrário, as grandes indústrias vêm diminuindo a produção e despedem milhões de trabalhadores, agravando a crise. (Antônio Santos)

O mundo visto pela Albânia socialista

Num mundo sufocado pela diplomacia secreta e hipócrita das grandes potências, vale a pena reproduzir os trechos principais do pronunciamento da Albânia socialista na recente Assembleia Geral da ONU. No discurso de Reis Malile, líder da delegação albanesa, a verdade é dita de frente, doa a quem doer.

"Eu poderia falar aqui em termos diplomáticos — afirmo Malile — mas isto não teria qualquer valor. Falarei diferentemente, abertamente. Direi o que o nosso povo pensa: se o ímpeto agressivo dos imperialistas americanos e social-imperialistas soviéticos não for contido, o mundo estará à beira da III Guerra Mundial. Permitam-me, senhores, mencionar o fato de que as resoluções do Conselho de Segurança (da ONU) e os protestos candentemente emitidos não têm produzido qualquer resultado. Prosseguem a guerra israelense e o genocídio contra os árabes — os palestinos em particular — bem como a agressão e opressão contra o Afeganistão. E a lista poderia ser maior".

"Do nosso ponto de vista — disse ainda o representante albanês — deveria estar claro para qualquer um que são os imperialistas americanos e os social-imperialistas soviéticos que manipulam os cordéis contra a independência e a liberdade dos povos. São eles que desavergonhadamente dividem entre si as zonas de influência e jogam às custas do destino dos povos. Tal situação é insuportável. Entendemos que ela deve ser resolutamente combatida e exposta".

A ALTERNATIVA ALBANESA
Como resposta à política das superpotências, Reis Malile afirma: "Somos contra as tentativas feitas por elas para criar a psicose de que o mundo não pode encontrar estabilidade a não ser sob sua tutela. Nunca aceitamos que a política internacional seja um monopólio das superpotências".

E mais adiante: "Sem nunca estender a mão a ninguém para pedir ajuda ou créditos, a Albânia socialista assegurou um desenvolvimento vigoroso e independente em todos os campos. Tem evitado as desastrosas consequências da crise política e econômica mundial. E tem criado condições favoráveis à constante elevação do bem-estar das massas trabalhadoras. O novo rebaixamento de preços efetivado na Albânia em junho, quando o oposto está acontecendo em toda parte, é uma expressão clara da vitalidade de nosso sistema socialista".

Malile frisou que a Albânia segue "uma política de amizade e cooperação sincera com os países e povos amantes da paz e da liberdade", guiada "pelos princípios do internacionalismo proletário" e mantém relações diplomáticas com cerca de cem países. "Acusam a Albânia — disse — de ser fechada, isolada. Não é verdade. E não nos preocupa se algum jornalista alega que somos um país pobre e fechado. Tal propaganda é inútil. Nosso povo está satisfeito com sua própria situação política e econômica. Tem tudo que precisa e está certo de que no futuro terá muito mais. Para isto trabalha e luta, confiando inteiramente em suas próprias forças".

Eleições sem liberdade no Uruguai

As eleições para a escolha das lideranças partidárias, convocadas no Uruguai para o dia 28, assumiram um papel especial, na medida em que permitiu fazer alguns comícios nas ruas. Isto apesar do governo militar permitir que apenas três partidos políticos participassem destas eleições. E vários políticos destes partidos já foram presos, sendo que quatro deles eram importantes líderes do Partido Blanco.

O povo uruguaio vive sob uma férrea ditadura militar desde o golpe de 27 de junho de 1973. Existem no país aproximadamente 1500 presos políticos e muitos deles costumam aparecer mortos em suas celas e são dados como "suicida". Um antigo líder sindical, Ramon Freire Pizzano, recentemente foi encontrado morto em sua cela no presídio "Libertad".

Vai assumindo a cada dia um papel destacado em todo o mundo a luta pela anistia no Uruguai. Em setembro, uma delegação de sindicalistas brasileiros foram até aquele país verificar a situação dos direitos humanos. E ainda dentro desta luta, a Comissão Nacional Pró-CUT e as Inter-sindicais do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul promoverão dia 26, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, uma reunião com a presença da Fundação Maurício Grabois.



O armamentismo é justificado como "um avanço para a paz mundial"

Comissão Nacional Pró-CUT e as Inter-sindicais do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul promoverão dia 26, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, uma reunião com a presença da Fundação Maurício Grabois.

PDS perdeu por 9 milhões de votos

Todos os grandes órgãos de comunicação do Brasil, da Rede Globo à Editora Abril, estão cantando a vitória do governo e do general Figueiredo na eleição do dia 15. E os servidores do regime militar também. Seus argumentos são: 1) que o PDS elegeu o maior número de governadores; 2) que fez a maioria no Senado e na Câmara dos Deputados; 3) que manteve o controle do Colégio Eleitoral encarregado de indicar o próximo presidente da República; e 4) que tem a maioria dos prefeitos e vereadores.

A Tribuna Operária considera seu dever democrático desmascarar, um por um, estes argumentos falsificados pelo governo e seus serviços para abafar a voz das urnas. E mostrar que o governo perdeu em toda linha.

1º: O governo mexeu até com a geografia para dizer que venceu.

O partido da situação de fato fez os governadores de 12 dos 22 Estados onde houve eleição, contra nove para o PMDB e um para o PDT. Mas o PDS ficou com os Estados política e economicamente mais atrasados, de menos peso no cenário nacional (veja os mapas e os quadros ao lado). Soma-se a isto a falcatrua nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, justamente os mais avançados onde o PDS, canta vitória. Em ambos a oposição pediu recontagem dos votos, dada a pequena diferença na votação e os clamorosos casos de fraude. Além disto, nos dois Estados os partidos oposicionistas, somados, tiveram mais votos que a legenda de Figueiredo. Só perderam devido à divisão. No Rio Grande do Sul, a vantagem da oposição sobre o governo foi de 798.261 votos; em Santa Catarina, de 284 votos.

Porém ainda há mais truques sujos do governo para produzir este pretensioso argumento. Nos últimos anos, justamente depois que começou a escalada ascendente dos votos oposicionistas, os donos do poder começaram a jogar com a geografia do país, buscando vantagens eleitorais. Geisel fundiu num só os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, ambos com eleitorado tradicionalmente oposicionista. Figueiredo dividiu em dois o Mato Grosso, evitando que a oposição, mais forte no Sul, governasse também o Norte. Depois, ainda criou o Estado de Rondônia, que nem teve eleição para o governo, ocupado por um interventor.

E ainda tem mais: diante da vitória do

Maluf: "não gastei nada"

Paulo Maluf, candidato do PDS paulista à câmara federal, gastou Cr\$ 840 milhões na sua multimilionária campanha eleitoral apenas para confeccionar e distribuir cinco milhões de chaveiros e dois milhões de camisetas. Quem atesta este disparate é o induspeito coronel Erasmo Dias, membro da mesma corriola, que afirma ter visto as duas faturas de Maluf.



Erasmo: frustrado

Erasmo Dias, candidato derrotado do PDS a reeleição, assim como vários outros pedessistas, após averiguarem o desastre eleitoral do partido no Estado, tem desabafado, fazendo duras críticas ao ex-governador. O "presidenciável" Maluf, na sua sede de ser o mais votado do país, deixou de lado o PDS e cuidou só de si: invadiu vários redutos de seus amigos do PDS, comprando cabos eleitorais e distribuindo brindes. Segundo Erasmo Dias, "por onde Maluf passou só deixou coisa ruim".

Para se safar das cobranças dos oposicionistas e de seus próprios amigos de partido, Maluf respondeu as críticas declarando que ele não gastou quase nenhum dinheiro na sua campanha eleitoral. "A não ser em pequenos anúncios em jornal para dizer que eu era candidato". Fica a dúvida: se Maluf não gastou nada do seu dinheiro, de onde vem a fortuna aplicada na sua multimilionária campanha? Não terá sido dos cofres públicos?



Maluf é pichado

peemedebista Jader Barbalho para o governo do Pará, há a ameaça de Figueiredo amputar o Estado, criando o chamado "Território do Tocantins". A região abrangida pelo novo "Território" compreenderia as terras férteis do sul do Pará e as riquíssimas jazidas minerais de Carajás. Comenta-se que o decreto para tanto já estaria pronto e haveria até um governador escolhido — o famigerado Major Curió, que reprimiu os guerrilheiros do Araguaia naquela região e foi candidato a deputado federal pelo PDS.

2º: no cálculo do PDS um eleitor piauiense vale por 2 paulistas

Para a maioria no Senado, há outros truques além dos usados em relação aos governos estaduais. Por exemplo a inclusão de três senadores, todos eleitos pelo PDS, no recém-criado Estado de Rondônia. E o pior de todos — a permanência dos tristemente famosos senadores biônicos.

Para a Câmara Federal, a maioria situacionista é bem relativa. Os partidos oposicionistas, somados, deverão ter cerca de 31 votos a mais que o PDS, segundo as últimas projeções. E também aqui o argumento sobre a pseudovitória do governo está baseado em casuismos da mais baixa extração. Até as eleições de 1974, o número de deputados federais de cada Estado era definido com base no número de eleitores. Agora, para favorecer o governo, o cálculo é com base no número de habitantes, o que engrossa as bancadas dos Estados mais atrasados, onde deu PDS. São Paulo, por exemplo, elegeu um deputado para cada 219 mil eleitores; já a Bahia elegeu um para cada 109 mil; e o Piauí, um deputado para 107 mil eleitores. Pelo critério anterior, o PMDB faria maioria absoluta na Câmara.

3º: houve trapaça nas regras do jogo para o Colégio Eleitoral

Este terceiro argumento tem importância vital para os donos do poder, que pretendem escolher o sucessor do general Figueiredo na Presidência da República, ou mesmo, como já se fala abertamente, manter Figueiredo no Palácio do Planalto até 1991. Sob o regime militar, o Colégio Eleitoral tem sido o órgão encarregado de formalizar a escolha do Presidente, feita até hoje dentro dos quartéis, pela cúpula das Forças Armadas.

Até recentemente, o Colégio Eleitoral era composto por todos os senadores, todos os deputados federais e mais uma bancada de deputados estaduais por unidade da Federação, bancada que variava de número de acordo com a importância eleitoral do Estado. Assim, São Paulo, por exemplo, tinha direito a enviar 28 delegados estaduais para compor o Colégio, enquanto Sergipe enviava apenas quatro.

Ocorre que na última reforma constitucional o general Figueiredo mudou as regras do jogo, novamente para favorecer o seu partido. A partir deste ano, as representações de deputados estaduais para o Colégio Eleitoral passaram a ser todas do mesmo tamanho — com seis deputados cada uma. Assim, Sergipe tem direito a seis deputados ... e São Paulo também.

Se as regras permanecessem, os partidos de oposição fariam a grande maioria dos delegados estaduais ao Colégio — já que teriam as bancadas dos populosos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. E como a desvantagem que levam no Senado é compensada de sobra pela vantagem na Câmara Federal, teriam o maior número de votos na hora de — segundo o sistema atual — escolher o próximo presidente. Pelo critério casuístico de Figueiredo, as coisas ficam bem mais difíceis para a oposição — embora o resultado final das apurações possa trazer surpresas quanto à maioria absoluta do PDS no Colégio Eleitoral.

4º: o PDS não diz que perdeu feio para os grandes municípios

O golpe, neste caso, está em levar em conta apenas a quantidade dos prefeitos e vereadores eleitos por cada partido nos quase 4 mil municípios do Brasil. E em esconder, cuidadosamente, quem ganhou em que tipo de município, quem conquistou terreno e quem perdeu.

A verdade é que o governo ganhou a eleição nos pequenos municípios, onde o curral eleitoral ainda funcionou neste 15 de novembro. Porém perdeu nos grandes municípios, com um eleitorado maior e mais esclarecido, que deram a vitória sistematicamente à oposição. O PMDB cresceu imensamente em número de prefeitos e vereadores. Em São Paulo, onde tinha 38 prefeituras apenas, conquistou 308 das 565. Em Minas tinha 66 prefeitos, passou para cerca de 350. Na Bahia, conquistou as Prefeituras dos 33 maiores municípios, com exceção de Feira de Santana. E, até no sertão pernambucano, onde a oposição não tinha nenhum prefeito, o PMDB venceu o pleito municipal em Itapetim e talvez outras duas cidades. Isto para não falar das capitais dos Estados,

O Brasil da oposição

Tem uma área de 5 milhões de km², ou seja, 60% de todo o território do país; 69 milhões de habitantes, 58,5% da população brasileira. Entra com cinco sextos da receita federal, o que mostra o seu poderio econômico. E possui precisamente 36.445.691 eleitores, que formam 62,2% do eleitorado brasileiro. Veja abaixo o país onde deu oposição para os governos estaduais.



Estado	Área	População	Contribuição para a receita (1980) (em bilhões)	Eleitores
Acre	157.589	301.628	0,044	114.474
Amazonas	1.564.445	1.430.314	1,5	542.449
Espírito Santo	45.597	2.023.702	2,5	971.658
Goiás	642.092	3.864.881	2,6	2.048.618
Mato Grosso do Sul	350.548	1.368.803	2,0	750.047
Minas Gerais	587.172	13.382.904	55,2	6.885.241
Pará	1.248.042	3.411.235	4,3	1.522.999
Paraná	199.554	7.630.202	16,6	4.173.992
Rio de Janeiro	44.268	11.297.262	111,2	6.292.265
São Paulo	247.890	25.023.306	216,6	13.144.018
TOTAL	5.079.197	69.734.237	410,0	36.445.691

Escore final	
A soma dos votos em todo o Brasil	
PDS	18,8 milhões
Oposição unida	28,0 milhões
PMDB	20,7 milhões
PDT	2,9 milhões
PTB	2,4 milhões
PT	1,9 milhões
Vantagem	9,3 milhões

O Brasil da situação

Estende-se por 2,8 milhões de km², 40% do território nacional. A sua população é de 47 milhões de habitantes, 39,8% da população brasileira. Sua contribuição para a receita federal fica abaixo de um sexto do total, o que atesta um grande atraso, que se reflete na política. Os eleitores são 21.726.818, ou 37% do total do país.

Estado	Área	População	Contribuição para a receita (1980) (em bilhões)	Eleitores
Alagoas	27.731	1.987.675	0,56	734.325
Bahia	561.026	9.470.550	13,6	4.258.736
Ceará	148.016	5.293.725	2,5	2.498.671
Maranhão	328.663	4.002.679	1,7	1.470.616
Mato Grosso	881.001	1.141.236	1,6	580.585
Paraíba	56.372	2.772.571	0,8	1.275.613
Pernambuco	98.281	6.154.124	12,0	2.542.935
Piauí	250.934	2.140.064	0,37	970.888
Rio Grande do Norte	53.015	1.899.725	0,9	956.863
Rio Grande do Sul	287.189	7.776.537	31,0	4.329.552
Santa Catarina	95.985	3.628.761	8,4	2.136.563
Sergipe	21.994	1.142.368	0,6	470.471
TOTAL	2.810.207	47.410.215	74,2	21.726.818

onde o regime militar suprimiu a eleição direta para prefeito, e onde a vitória oposicionista foi de ponta a ponta, com uma ou duas exceções.

O grande argumento que demonstra que a oposição triunfou

Diante da falsidade destes argumentos, fica fácil entender porque o general Figueiredo preferiu adiar para o último dia do ano uma prestação de contas ao país sobre o resultado da eleição. Afinal, ele comprometeu-se com o PDS até a raiz dos cabelos, durante a campanha eleitoral. E a voz das urnas, a despeito do que digam os serviços do regime militar, foi impiedosa para com ele.

O argumento mais importante para demonstrar a vitória — a inquestionável vitória da oposição — é bastante simples. Consiste em mostrar, dos 59 milhões de eleitores brasileiros, quem votou no partido do governo e quem votou nos partidos de oposição. Este dado, tão simples, é trancado a sete chaves pelo governo e seus servidores na grande imprensa. Porém é ele que melhor mostra qual foi o resultado do verdadeiro plebiscito que transcorreu neste país dia 15 de novembro.

Com os resultados dos Estados onde as apurações já terminaram, e as projeções dos Estados onde a contagem dos votos continua, chegamos ao seguinte resultado: o PDS teve em todo o país cerca de 18,8 milhões de votos, equivalentes a 40,5% do eleitorado (descontando-se os votos brancos e nulos). Já o PMDB ficou com 20,7 milhões de votos, 44,2% do eleitorado. Ou seja, o PMDB sozinho já teve uma vantagem de 2 milhões de votos sobre o partido situacionista. O PDT obteve 2,9 milhões, 6,3 dos votos; o PTB conseguiu 2,4 milhão de sufrágios, equivalentes a 5,2%; e o PT alcançou 1,9 milhão, 4,2% do total da votação nos partidos. No total, as oposições suplantaram o PDS por 9,3 milhões de votos, mostrando que o povo não quer este governo. (Bernardo Joffily)

A implosão ronda o PDS

Durante a batalha eleitoral, uma espécie de "terrorismo de campanha" foi utilizado contra o PMDB, principalmente da parte do PDS, mas também por alguns candidatos oposicionistas: a ameaça do PMDB "implodir" após o 15 de novembro. Isto é, o PMDB seria uma frente meramente eleitoral que, passadas as eleições, seria desfeita.

Mas isso não está acontecendo. Pelo contrário, o que se vê é o reforço do PMDB e o esfacelamento do PDS, principalmente em São Paulo, onde o partido governista sofreu uma de suas mais catastróficas derrotas.

O deputado federal (reeleito) Alcides Franciscato não esconde suas queixas: "Responsáveis pela derrota de nosso partido (o PDS) são a Paulipetro, a Sabesp e outras coisas que oneraram os cofres públicos, enquanto o povo deixou de ser assistido socialmente e o funcionalismo público não recebeu salário condizente com seu trabalho".

Até o candidato majoritário do PDS paulista, Reynaldo de Barros, andou criticando seus parceiros de partido — em especial Maluf, embora depois tenha tentado corrigir-se da gafe: "O que eu declarei e repito agora é que o Maluf é um político contestado. Há muita gente que o adora e muita gente que o odeia. O Centro de Documentação Fundação Maurício Grabois



Senador Severo Gomes: "A luta é o que nos une"

ta, este derrotado nas urnas, Jayro Maltoni, também não esconde suas queixas da atuação de seu partido no governo: "Maluf, quando governador, deixou de cumprir as promessas feitas relativas à realização de várias obras da cidade".

Já o PMDB tem ouvido em vários Estados onde ganhou, declarações de prefeitos eleitos pelo PDS, mas que desejam mudar de partido. E o senador eleito por São Paulo, Severo Gomes, comenta: "Se o PMDB não implodiu quando não havia chegado ao poder em vários Estados, não há de ser agora que isso acontecerá. As questões fundamentais que se colocam hoje demandam uma longa luta e um confronto com as forças que nos unem, mais do que nunca".

Imaginem só: Figueiredo no poder por mais 8 anos!

O 15 de novembro complicou consideravelmente os planos do regime, de "fazer" o sucessor do general Figueiredo. É o que mostram as declarações dos situacionistas Jair Soares, gaúcho e vitorioso, e Reynaldo de Barros, paulista e esmagado na eleição: eles querem que Figueiredo fique até 1991!

Jair Soares voou para Brasília logo na segunda-feira, enquanto a oposição gaúcha ainda questionava sua suspeita vitória para o governo, por apenas 0,59% dos votos. Entrevistou-se com Figueiredo, Leitão, Ludwig, Medeiros, Venturini e Delfim Netto — ou seja, toda a cúpula do regime. E saiu dizendo à imprensa: "Hoje já se fala em reeleição do presidente João Figueiredo. Então, estou com a reeleição". Como o projeto é inconstitucional, Jair já lançou a idéia de mais uma reforma da Constituição.

É bom lembrar que até ontem Jair compunha (junto com Moreira Franco e Eliseu Resende, derrotados no Rio e em Minas) o grupo que sustentava as ambições do coronel Mário Andreazza à Presidência. Agora, já rifu Andreazza. "Sou amigo dele — disse — Mas quando se fala em reeleição do presidente João Figueiredo, aí eu sou pela reeleição". Mui amigo!

REYNALDO DRIBLA MALUF

No dia seguinte o sr. Reynaldo de Barros, recém-derrotado por 2,5 milhões de votos de diferença, batia também à porta do Planalto. E depois de conversar com Figueiredo saía dizendo também que Figueiredo seria um "nome excelente" para continuar na Presidência de 1985 até 1991.



Jair Soares com o general-presidente: ele saiu desta sala falando em reeleição...

Reynaldo explicou seu fiasco por "um consenso da população de São Paulo, de Norte a Sul do Estado, de Leste a Oeste, de que deveria mudar" — e também pelo baixo desempenho do PT, PTB e PDT. E usou o exemplo dos Estados Unidos para tentar justificar a tese da reeleição.

Neste caso, quem ficou mal foi Salim Maluf, outro que cobiça ser presidente, e que escolheu Reynaldo a dedo como candidato para calçar suas pretensões. Dando uma no cravo e outra na ferradura, o ex-prefeito de São Paulo chegou a qualificar Maluf de "político contestado", passando uma rasteira segura no seu padrinho. É que Maluf, apesar dos muitos votos

que comprou para eleger-se deputado, foi também o ex-governador mais vigorosamente repudiado nas urnas, o que o faz perder pontos como postulante à Presidência.

Como uma reforma constitucional exige dois terços do Congresso, que o PDS está longe de ter, o projeto de reeleição de Figueiredo parece mais um sonho de situacionistas incorrigíveis. Em matéria de Presidência da República, o que se coloca na ordem do dia, para a grande maioria dos brasileiros, não é continuar por mais oito anos com o governo que aí está. É eleger, pelo voto direto, um presidente da República que marque o fim do regime militar.

Participação popular em governos de oposição

Os governos de oposição, vitoriosos nos principais centros políticos do país, tratam agora de organizar suas equipes dirigentes estaduais e municipais. A expectativa dos eleitores é que os princípios destes processos sejam coerentes com a campanha democrática que acaba de se realizar.

A principal esperança de todos os brasileiros, de imediato, é que os prefeitos das capitais e municípios das áreas de "segurança nacional" sejam escolhidos pelo voto popular e não por nomeação, como tem sido até agora por imposição do regime militar. Mas não é só nisto que se deve marcar o avanço da luta democrática proporcionada pela batalha eleitoral. Na escolha das secretarias e demais cargos dos governos estaduais e municipais, é de se esperar que os governadores não repitam a prática do regime de simplesmente retalhar os postos de comando entre os apadrinhados dos grandes grupos econômicos e políticos, entre as facções do próprio PDS. Em vez de tirar os cargos do bolso do colete e impor os nomes arbitrariamente, a prática mais democrática seria a de primeiro apresentar as prioridades e os planos governamentais para cada área.

Com base nestas diretrizes é que se pode consultar as organizações políticas, as entidades de massas, representantes populares, técnicos e especialistas, e chegar a uma conclusão para os nomes mais adequados para cada função, em todos os escalões. Esta seria uma forma razoável de cumprir uma exigência da maioria dos eleitores, que é a formação dos governos

dos Estados com técnicos, políticos e personalidades, representantes da comunidade com formação democrática e progressista, e não homens dos bastidores, desinteressados pelo povo.

PARTICIPAÇÃO DIRETA

Os eleitores brasileiros não têm medo de se empurrarem de democracia. Pelo contrário, votaram decididamente contra o regime de arbítrio do general Figueiredo. Além de votar nos candidatos de oposição, aspiram ter uma participação cada vez mais direta nos governos e nas decisões sobre os rumos do país. As administrações regionais dos municípios podem se transformar em instrumentos imediatos para impulsionar esta presença do povo nos rumos do governo.

Os "prefeitinhos", como são chamados em alguns lugares os administradores regionais, deveriam ser canais de ligação entre o governo municipal e a população. Mas em geral são defensores dos interesses dos poderosos, uma vez que são nomeados autoritariamente e se comportam como grandes autoridades, distantes das massas. É mais do que razoável, para dar continuidade à luta democrática travada nas eleições, que os prefeitos escolham

os administradores regionais ouvindo as lideranças e as entidades representativas dos diversos locais. E mais do que isto, que as sociedades de amigos de bairros, as associações populares de saúde, as organizações culturais e esportivas e outras formas de representação da população constituam Conselhos com participação popular e exijam o seu reconhecimento como órgãos auxiliares às administrações regionais para auxiliar nas soluções dos graves problemas vividos pelo povo, principalmente nos bairros das periferias.

ELEVAR A ORGANIZAÇÃO

Estas são idéias que já vem sendo discutidas pelo povo. Não encerram nem de longe as conquistas que os brasileiros almejam no rumo da liberdade. Mas são questões práticas e imediatas que podem aglutinar a opinião pública e impulsionar a luta democrática mais geral. Daqui até março, quando tomam posse os novos eleitos, serão motivo de discussão por um amplo movimento democrático. Isso contribuirá, por toda parte, para elevar o grau de organização e de consciência dos trabalhadores e ao mesmo tempo para desmascarar falsos democratas que, depois de eleitos, viram logo as costas para o povo e tratam de defender seus próprios interesses ou os dos grupos econômicos ou políticos a que estão vinculados.

Governo aumenta ataques ao bolso do povo após eleição

Nem bem as urnas foram lacradas, no dia 15 de novembro, e começou uma nova onda de aumento de preços que atinge diretamente o bolso do povo trabalhador. Num fato inédito na história recente do país, em pleno feriado — na noite de 15 de novembro — já era anunciado o aumento de 30% no preço do litro de leite tipo B, em São Paulo, passando a custar Cr\$ 130,00.

Ainda na semana das eleições, foi anunciado o aumento de 35% nas tarifas de ônibus em São Paulo, que passaram de Cr\$ 37,00 para Cr\$ 50,00 — "Uma tarifa que não prejudica a população e atende às necessidades dos empresários", afirmou cinicamente o prefeito Salim Curiati. Mas poucos dias depois os empresários do setor pediram novo aumento, para Cr\$ 66,00. Também em Belo Horizonte o prefeito pedessista anunciou aumento nos ônibus.

Em Goiânia, o prefeito não contava com a reação popular, ao anunciar o aumento de 67% na tarifa dos ônibus, dia 16: "Abaixo a Carestia,



Ônibus aumenta em São Paulo, Minas e Goiás

que a Panela Está Vazia", "e taca, e taca, e taca, pulemos a catraca", gritou o povo, numa passeata convo-

cada pelo Movimento Contra a Carestia, contra o aumento.

PREFEITO RECUA

Pressionado pelos populares, o prefeito comprometeu-se a ir até a empresa responsável pelo transporte urbano, junto com o Movimento Contra a Carestia, pedir a revogação do aumento, além de meio passe para os estudantes e a garantia de passe livre para crianças até 12 anos.

Em São Paulo, poucos dias após o aumento das tarifas do ônibus, foi a vez do Metrô ser majorado, passando igualmente a custar Cr\$ 50,00.

E foi anunciado ainda, a nível nacional, o aumento de 8,5% nas tarifas telefônicas e serviços de telecomunicações, conforme determinação do ministério do Planejamento. Essas tarifas, somente neste ano, subiram 77,7% — agora uma ligação telefônica local custa Cr\$ 12,60.

Apesar da vigorosa vaia que foi dada à política anti-popular e antinacional do general Figueiredo nas urnas, o governo militar insiste em governar o país somente para o proveito dos grandes monopólios nacionais e estrangeiros.

Vitória da Tendência Popular em Alagoas

Em Alagoas a corrupção desenfreada e o poder econômico garantiram a permanência do PDS no governo do Estado. Mas a oposição ampliou seus espaços, e os candidatos da Tendência Popular do PMDB destacaram-se pela combatividade da campanha eleitoral.

O candidato da Tendência Popular a deputado federal, Renan Calheiros, está sendo o mais votado do Estado. Quando 70% dos votos haviam sido apurados, na última terça-feira, Renan já estourava com 41.498 votos. Garantia assim, tranquilamente, uma vaga na Câmara dos Deputados.

É o candidato a deputado estadual pela Tendência Popular, Eduardo Bonfim, já nos primeiros dias de apuração das eleições era apontado pela imprensa alagoana como um deputado eleito, que terá sua atuação na Assembléia Legislativa marcada pela "defesa intransigente dos direitos dos alagoanos e da melhoria da condição de vida da população".



Jared: voltada para a mobilização e organização popular

por emissoras de rádio sobre o brilhantismo de sua performance eleitoral, apesar de sua campanha ter

sido feita com baixíssimos recursos financeiros: "Na verdade, toda nossa campanha esteve voltada para o trabalho de organização e conscientização popular. Isso ficou expresso nas bandeiras de nossa campanha: Terra, trabalho, liberdade e independência nacional", explicou ele.

Na capital, Maceió, a Tendência Popular elegeu três vereadores: Jared Viana (a segunda mais votada do município), Edberto Ticianelli e Benedito Guilherme. Também no interior do Estado foram eleitos vereadores pela Tendência Popular.

Jared afirma que sua atuação não ficará restrita à Câmara: "Trabalharemos na organização e mobilização do povo, que é quem está interessado em obter melhoras, em mudar o atual estado de coisas. Afinal, os principais responsáveis pela conquista de qualquer vitória são os trabalhadores. Só assim estaremos cumprindo um mandato popular. Além das reivindicações comuns de toda a população trabalhadora, estarei também voltada à defesa dos direitos da mulher. Coisa que, aliás já venho fazendo, como uma das fundadoras da União das Mulheres de Maceió".



Jussara Cony, eleita vereadora pelo Bloco Popular do PMDB em Porto Alegre

Gaúchos e catarinenses vão pedir recontagem dos votos

O regime militar tem feito grande alarde sobre a continuidade do PDS nos governos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Mas tanto num quanto noutro Estado, a corrupção, foi o que deu a tônica na marcha das apurações. E o PMDB pretende a recontagem dos votos.

No Rio Grande do Sul, não foi o Tribunal Regional Eleitoral, mas a chamada "grande imprensa" gaúcha que proclamou a vitória de Jair Soares, do PDS. A manipulação se evidenciou quando, segundo dados extra-oficiais, a vantagem do candidato pedessista sobre Pedro Simon, do PMDB, diminuiu sensivelmente, chegando a 0,59% — pouco mais de 20 mil votos.

Por outro lado, acumulam-se irregularidades comprovadas na apuração dos votos,

prejudicando invariavelmente o PMDB. De qualquer modo, a corrupção não conseguiu impedir que vários candidatos populares do PMDB fossem consagrados pelo voto. Jussara Cony elegeu-se vereadora por Porto Alegre, enquanto Eloi Frizzo obteve, dentre os candidatos a vereador, a terceira maior votação de Caxias, o segundo polo industrial do Rio Grande do Sul. Outro destaque dos candidatos populares é a eleição de Bernardo Olavo prefeito de Pelotas, José Fogaça, da mesma forma, obteve boa votação, elegendo-se deputado federal; e Antenor Ferrari, da Comissão de Direitos Humanos, elegeu-se deputado estadual.

ESCÂNDALO CATARINENSE

Igualmente em Santa Cata-

rina, os grandes meios de comunicação manipularam as informações, dando sempre vantagem ao PDS, mesmo nas cinco vezes em que o PMDB esteve na frente. Isto visava desmotivar e desarticular a fiscalização, facilitando o roubo.

O Comitê Eleitoral do PMDB possui uma vasta relação de denúncias e provas, como as de menores votando, eleitores que votaram até cinco vezes, compra de votos na boca da urna, e até a denúncia de um jipp do Exército fazendo campanha contra o PMDB em São Ludgero, interior do Estado. Nas ruas de Florianópolis, o povo comenta: "Fomos lesados pela oligarquia que reina no Estado há quase cem anos".

(das sucursais)

Os eleitores garantem a apuração no Acre

Desesperado com a derrota de seu partido no Acre e Amazonas, o secretário-geral do PDS, Prisco Viana, correu às capitais desses Estados, no dia 24. Seu objetivo: tentar reverter resultados das urnas que consagram a vitória oposi-

cionista. No Acre, onde foi confirmada a vitória do candidato a governador pelo PMDB, Nabor Prát, e dos candidatos populares a deputado federal, Aloísio Bezerra, a deputado estadual, Pacifico, além de candidato a vereador, o candidato do PMDB, o candidato da sucursal

acreato, um esquema de segurança voluntário foi montado por mais de 100 eleitores do PMDB, para garantir a apuração. Os eleitores chegaram a levar, para o centro de apuração, extintores de incêndio, jantares, e até mesmo para a sucursal

Jagunços matam sindicalista em Santa Luzia

No domingo pela manhã, dia 21, foi assassinado o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia no Maranhão, Elias Zi Costa Lima. Pai de cinco filhos, Elias era presidente do Sindicato há mais de oito anos. Elias foi assassinado dentro do mercado Municipal por três homens, sendo que dois deles eram os filhos do grileiro José Marciano. Deram dois tiros de revólver 38 e um tiro de espingarda 20. Os assassinos correram para um jipe e fugiram para Açailândia. José Marciano estava grilando 5 mil hectares de terra, com mais de 200 famílias e o Sindicato deu apoio aos posseiros. O grileiro então jurou matar Elias.

(da sucursal)

Universidade de Goiás paralisada por funcionários

Professores e funcionários da Universidade Federal de Goiás estão realizando uma ampla mobilização com vistas ao atendimento de suas reivindicações. Os docentes estão em greve desde o dia 18. Os servidores podem deflagrar uma greve nacional a partir do dia 25. No último dia 23 os funcionários da UFG paralisaram todas as suas atividades, para realizar uma assembleia. Os servidores reivindicam a reposição de 61% do salário a partir do dia 1º deste mês; reajustes semestrais de acordo com o INPC; estabilidade no emprego; 13º salário para os estatutários e quinônios para os celetistas. E contam com o apoio da população em suas reivindicações.

(da sucursal de Goiânia)

Chesf intimida eletricitários devido à greve

Foi preso no dia 24 o presidente do Sindicato dos Eletricitários da Bahia, Lázaro Bilac, ao mesmo tempo em que a Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco) demitia 11 eletricitários em Pernambuco e mais 11 em Paulo Afonso. A ação repressiva faz parte de um plano do governo e da Chesf, segundo informações, auxiliadas pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), para intimidar a categoria que, a um mês atrás fez greve por melhores salariais. Até ameaças de enquadramento na Lei de Segurança Nacional foram feitas pela Polícia Federal às lideranças da paralização. A categoria está mobilizada e procura a solidariedade do conjunto do movimento sindical e popular.

(da sucursal de Pernambuco)

Os gaúchos querem o fim do peleguismo

"De 6 a 10 de dezembro, os metalúrgicos acertarão as contas com os pelegos encastelados em nossa entidade", afirma, confiante, o líder da chapa 2, de oposição, do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, José Freitas. Há um clima de grande descontentamento nas fábricas com o pelego Adão, há 15 anos no Sindicato. Presentando a derrota, os pelegos passaram a vender feijão mais barato que o mercado, no Sindicato. Mas a discussão do programa da chapa 2 tem empolgado a categoria.

(da sucursal)

Professores de Minas elegem nova diretoria

Nos dias 18, 19 e 20 realizou-se a eleição do Sindicato dos Professores de Minas Gerais. Concorreram duas chapas, vencendo a chapa 2 com 57% dos votos. Dos quatro mil professores com direito a voto, 3.092 foram às urnas. Enquanto a chapa 2 defendia a participação dos professores na luta pela resolução dos grandes problemas nacionais, não abandonando os problemas específicos, a adversária ficava só na defesa dos problemas específicos. A nova presidenta é Inês Teixeira Gomes, a primeira mulher na presidência da entidade nos seus 50 anos.

(da sucursal)

Jornalistas não se dobram no Espírito Santo

Os funcionários do jornal "A Tribuna de Vitória", do grupo João Santos, conseguiram uma importante vitória, após uma greve de quatro dias realizada no início do mês. A empresa havia demitido 50 funcionários, mas a greve em protesto contra este arbítrio obrigou a empresa a recuar, readmitindo vários funcionários. O Sindicato dos Jornalistas liderou a greve. Já a diretoria do Sindicato dos Gráficos teve uma posição conciliadora, boicotando a greve.



O Enclat no Sindicato dos Químicos teve pequena representatividade

Enclat paulista rechaça divisão e renova a Pró-CUT

O saldo do III Enclat de São Paulo, realizado nos dias 19, 20 e 21, é que se chegou a uma composição para renovação da Pró-CUT Nacional. Afora isto, o encontro foi pouco representativo, com 54 Sindicatos e 29 Associações. E predominaram as divergências organizativas, deixando-se de lado os problemas candentes dos trabalhadores.

O Encontro das Classes Trabalhadoras paulistas já se iniciou sob o impacto da divisão. Na manhã do dia 19, nove Federações e 113 Sindicatos promoveram uma reunião paralela onde decidiram não reconhecer o Enclat. Desta forma as direções pelegas das Federações demonstraram que também jogam na divisão do movimento sindical, desconhecendo a Pró-CUT como entidade unitária.

Por outro lado a corrente sindical petista, que hoje dirige a Pró-CUT Estadual, recuou na sua proposta de articular uma reunião nacional divisionista para 4 e 5 de dezembro, desconhecendo a renovação da Pró-CUT, taxando-a de "biônica". Como afirmou Vicente de Paula, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, "a proposta de 4 e 5 é perigosa, não foi bem pensada quando a fizemos. Pode até nos desmoralizar".

Mesmo assim alguns setores petistas, oriundos das Associações fantasma, insistiram na articulação paralela. Clara Ant, do Sindicato dos Arquitetos, chegou mesmo a lamentar. "Foi um equívoco desmarcar esta reunião, que aglutinaria o polo combativo do movimento sindical." Mas a proposta divisionista foi enterrada de vez, por larga margem de votos.

CHAPA UNITÁRIA

Este mesmo setor "descontente" tentou durante todo o Enclat restringir a participação das entidades sindicais. Na hora de compor a chapa para renovar a Pró-CUT Nacional, voltou a propor uma "chapa pura". O sectarismo foi tanto que até antigos aliados, como Jair Meneguelli, dos Metalúrgicos de São Bernardo, e Gilmar Carneiro, dos Bancários, foram vaiados por terem apoiado a proposta de chapa unitária. Passaram a ser "pelegos", segundo este setor petista mais sectário.



Jamil, membro da Pró-CUT renovada

Êxito no Enclat gaúcho e divisão no de Goiás

Representantes de 47 entidades sindicais reuniram-se em Porto Alegre no último dia 20, convocados pela Pró-CUT, para eleger os seis representantes gaúchos que renovarão a Pró-CUT Nacional. Não permaneceu nenhum sindicalista da delegação anterior, que foi criticada por seu imobilismo. Sindicalistas comprometidos com as lutas dos trabalhadores foram eleitos, como Paulo Paim, Julieta Palestro e Agenor Castoldi.

DIVISÃO EM GOIÁS

Já na plenária de Goiás a ação estreita da corrente petista levou a um racha no movimento sindical do Estado. A maioria petista da Pró-CUT goiana não credenciou a Federa-

ção dos Trabalhadores Rurais, argumentando que os Sindicatos não apresentaram atas das assembleias. Tentando solucionar o impasse, quatro membros da Pró-CUT propuseram resolver o problema na plenária, onde votariam os delegados que possuíam atas. Só que os petistas não aceitaram negociações. Diante da intransigência, mais de 60% da plenária — grande parte dos lavradores e vários trabalhadores urbanos — retirou-se e os quatro membros da Pró-CUT renunciaram. Todos que se retiraram reuniram-se no mesmo dia na sede da Fetaeg, onde escolheram os representantes de Goiás para Pró-CUT Nacional.

(das sucursais)

Pôr em movimento o sindicalismo

A reunião da Pró-CUT renovada, nos dias 27 e 28, em Brasília, pode reunificar o movimento sindical. O perigo da divisão, articulado por uma corrente petista, foi enterrado momentaneamente. Agora, é colocar o carro do sindicalismo em movimento, passando por cima dos imobilistas e pelegos que tentam barrar e dividir a luta dos trabalhadores.

É preciso definir de vez a data do Conclat e seus critérios de participação. Apesar de haver um pacto para jogar pra longe o Congresso e reduzir o número de delegados, ainda há espaço para reverter a situação. Tornou-se urgente fazer o Conclat o mais cedo possível e com uma representação expressiva, em vista dos "pacotes de fome" do governo.

Deixando de lado a disputa mesquinha pela hegemonia, um plano de campanhas à nível nacional torna-se possível: o desemprego atinge milhares de famílias e se agrava; a concentração fundiária leva a lutas os lavradores pela reforma agrária; e a luta por liberdade e autonomia sindical tem maior espaço com a derrota do arbítrio em 15 de novembro.

Maffei, o traidor dos gráficos de São Paulo

O história do peleguismo no Brasil tem em Waldemar Maffei, presidente do Sindicato dos Gráficos de São Paulo, uma das suas figuras mais sinistras. Acordos espúrios com os patrões, deduração e corrupção fazem parte do seu currículo. Mas seu reinado pode chegar ao fim, pois de 7 a 10 de dezembro ocorrerão as eleições sindicais.

Ainda reside na memória dos gráficos de Abril, a maior empresa do setor, a traição de Maffei na campanha salarial de 1980. Com grande alarde, Maffei convocou a última assembleia da campanha falando em greve contra a intransigência patronal. Por debaixo do pano, ele já havia assinado um péssimo acordo com os patrões. Só que se deu mal: a Abril cometeu a gafe de afixar na empresa, antes da assembleia, o acordo assinado com a diretoria do Sindicato, o que fez cair a máscara do pelego.

Acordos assinados sem consulta à categoria são comuns no Sindicato. O papel de Maffei na entidade é servir aos interesses dos patrões, barrando a luta da categoria. Quando da greve dos jornalistas em 1979, cerca de mil gráficos foram ao Sindicato para decretar greve, unificando a luta. O pelego colocou capangas na porta da sede e só deixou entrar os sindicalizados, esvaziando a assembleia.

DEDO-DURO DO PATRÃO

Faz parte dos serviços prestados ao patronato a deduração dos operários mais conscientes. Em 1981 o gráfico Roque Barbieri foi demitido da sua indústria pouco depois de relatar a Maffei, por descuido, que havia conseguido se empregar. Ao chegar na empresa o chefe lhe comunicou que uma pessoa do Sindicato havia lhe ligado, acusando-o de "agitador".

Outro que quase foi para o olho da rua por deduração foi Walter Silva Leite. O superintendente da Imprensa Oficial, onde trabalhava, confessou que



Oliva e Maffei de braços com o presidente do Sindicato patronal

um diretor do Sindicato havia lhe telefonado, acusando-o de "subversivo e comunista" e que só não o demitia por não ter provas.

Há inclusive na diretoria atual pessoas com ligações diretas com a polícia. O diretor Luis Carlos Oliva é cabo eleitoral de Erasmo Dias, conhecido torturador e terrorista do PDS, agora derrotado nas urnas.

CORRUPÇÃO À SOLTA

Além de servir aos empresários, os pelegos também usufruem das migalhas; a corrupção corre solta. Cinco operários da Edigraf aguardam há dois anos o dinheiro da indenização que ganharam da firma. A gráfica Maria Guastela abriu inquérito contra a diretoria do Sindicato por apropriação indébita. Antes do advogado do Sindicato, Ibiapava Martins, tentou corrompê-la, oferecendo 20 mil cruzeiros para que ficasse quieta.

Outra história mal contada é a da colônia de férias. Só neste ano foram descontados dos trabalhadores mais de Cr\$ 80 milhões para reforma da colônia, mas o dinheiro não foi aplicado e ainda pesa uma dívida de Cr\$ 20 milhões.

Os diretores do Sindicato mais parecem patrões. Maffei ganha Cr\$ 251 mil por mês e o diretor Danilo Grazine é patrão, dono da Gráfica Artel.



Sueli junto com seus alunos, em frente à pré-escola.

Alegria em Centreville com a vitória do PMDB

Os moradores de Centreville fizeram uma dupla comemoração no dia 16 de novembro. Naquele dia fazia quatro meses que eles haviam ocupado aquele conjunto residencial e também começavam a sair os primeiros resultados das urnas mostrando que Montoro seria eleito governador. É que Montoro havia prometido resolver o problema da posse de suas casas.

No dia 16 de julho cerca de 100 famílias ocuparam as casas abandonadas do Conjunto Residencial Centreville, em Santo André, no ABC paulista. Desde esta época elas vem travando uma combativa luta para conseguir a posse das casas. Hoje já são 315 famílias que moram lá, com mais de 2.200 pessoas. Os moradores em protesto ficaram nestas eleições, pois sabiam que se o PDS ganhasse, a ameaça de despejo das casas seria muito maior.

Uma das principais líderes de Centreville, Maria da Silva, saiu candidata a vereadora pelo PMDB e no final de outubro o senador Franco Montoro visitou o local e se comprometeu a resolver aquela questão, caso fosse eleito. Por apenas 500 votos Maria da Silva não foi eleita. Tarcísio da Silva Calé, outra liderança do Centreville, conta que estava o ambiente logo após as eleições: "Todo mundo ficou acompanhando com o radinho ligado para ver o resultado. Quando viram que ela não se elegeram ficaram todos tristes".

Mas, por outro lado, os moradores puderam comemorar a vitória de Montoro. Maria Venina, mais conhecida por Dona Nica, uma entusiasta defensora do governador eleito do PMDB, dá sua opinião: "Eu acho que no geral todo mundo do Centreville ficou feliz".

Maria Venina, mais conhecida por Dona Nica, uma entusiasta defensora do governador eleito do PMDB, dá sua opinião: "Eu acho que no geral todo mundo do Centreville ficou feliz".

despejo das casas seria muito maior. Uma das principais líderes de Centreville, Maria da Silva, saiu candidata a vereadora pelo PMDB e no final de outubro o senador Franco Montoro visitou o local e se comprometeu a resolver aquela questão, caso fosse eleito. Por apenas 500 votos Maria da Silva não foi eleita. Tarcísio da Silva Calé, outra liderança do Centreville, conta que estava o ambiente logo após as eleições: "Todo mundo ficou acompanhando com o radinho ligado para ver o resultado. Quando viram que ela não se elegeram ficaram todos tristes".

"CENTREVILLE É NOSSO"

Sueli Fernandes de Lima é uma jovem professora que leciona para cerca de 50 crianças na pré-escola de Centreville. Ela fala da expectativa que havia durante as eleições: "Nós estávamos contando com a vitória do Montoro, pois se ele cumprir o que prometeu, o Centreville já é nosso". E Tarcísio Calé acrescenta: "Agora devemos cobrar dele o que ele nos prometeu. O povo agora está mais tranqüilo, pois ele não nos enganou".



A situação impossível do professor paraibano

Percebo hoje como se encontra retrógrada a administração da capital da Paraíba. Como pode um professor municipal, no caso da capital do Estado, receber mensalmente remuneração equivalente a um gari de ruas?! É simplesmente inacreditável que, paralelamente, o presidente e os que sentam nas mesas do MEC salientem por inúmeras vezes o apoio que se vem dando ao ensino primário. É um segmento da carreira estudantil básico, muito importante em todos os aspectos.

E como se dão estes professores! E como se desgastam em pród da criança! É inadmissível, portanto, o que se lê sobre diversos discursos e seminários que os "grandes" da educação fazem em diversas partes do Brasil e especificamente na Paraíba. É inadmissível que tenhamos um número crescente de nomeações em diversos setores administrativos que pesam nos cofres do Estado. É inadmissível que tenhamos obras faraônicas, e não se possa dar condição a uma sala de aula de um grupo

escolar municipal por falta de cadeiras.

É inadmissível, principalmente, que vejamos uma administração municipal cansar de falar em inaugurações disso ou daquilo, de pavimentações e deixar que um professor municipal receba nada mais que um salário mínimo. É mister, senhor prefeito, que se olhe urgentemente para esta classe, que se sente desestimulada a cada dia e sem, cada vez mais, a condição mínima para sua sobrevivência. (P.R.M. — João Pessoa, Paraíba)

Uma máfia do PDS nas escolas catarinenses

Sou professora primária e me sinto envergonhada e ao mesmo tempo triste sabendo do que ocorre aqui em Florianópolis. Uma professora vai a TV para fazer propaganda de sua classe e diz que o seu salário é bom; isto é, os seus familiares são do PDS e os mesmos têm tanta grana que foram até a Copa da Espanha por eles financiados. É assim que se enche o bolso?

Itacorubi, um bairro de Florianópolis; é apadrinhada do Deputado Egidio Martorano. Além de ser má ou péssima professora, não suporta lidar com crianças carentes, vive só na elite, isto é, do PDS. A mesma vem há cinco anos de licença e há uns anos atrás abandonou a escola, sem deixar os alunos integrados no programa de ensino, pois não lhes ensinou nada, devido sua total incapacidade para tal. E agora arrumou mais uma licença, pois sofre da coluna e foi

colocar duas floriculturas.

As licenças aqui são uma vergonha. Não sei o que fazem os médicos, que não entendem de doença ou ajuntaram-se ao PDS. Quero dar meus pêsames a Rosa Maria e a Vera Lucia de Castro Fontã, pela doença que está contagiando a muitos deste Brasil: a doença do PDS.

Abraço às professoras que lutam na classe e não nesta máfia.

(R.S. — Florianópolis — Santa Catarina)

Jardim Bom Retiro quer luz e não agressões

Jardim Bom Retiro é um bairro da periferia de São Gonçalo e localiza-se às margens da rodovia que liga Niterói e São Gonçalo ao interior do Estado. O loteamento já existe há quase dez anos, como a maioria dos bairros pobres, está jogado no mais completo abandono.

No último dia 24 a Tribuna esteve no bairro conversando com vários moradores que começam a se organizar para exigir da Cerj (Centrais Elétricas do Rio de Janeiro) a extensão da rede elétrica a todas as ruas do bairro.

Hoje todas as residências do bairro possuem luz clandestina. Os moradores estão dispostos a regularizar a situação e a Cerj até agora não resolveu. Até agora o problema, que é "técnico", tem sido abordado como problema policial. Diversas vezes carros e equipes da Cerj acompanhados de policiais armados têm agredido os moradores para cortar os "gastos". Mas todos estão dispostos a se organizar e não mais permitir que agressões deste tipo se repitam.

"O prefeito do PDS, não dá a mínima atenção para as nossas reivindicações, ele fica escondido no seu gabinete" desabafou uma moradora. "Não temos escola para nossos filhos; o governo do Estado não toma providên-



cias necessárias para que sejam nomeadas as professoras, pois o prédio existe", falou outra moradora. Linha de ônibus não existe. Água encanada e esgoto nem se

fala. Os próprios policiais só vêm aqui para nos oprimir, para pegar ladrões eles não vêm. (Um colaborador da TO em São Gonçalo — Rio de Janeiro)

Governo persegue padres em Santarém

De alguns meses para cá o PDS do município de Monte Alegre, Pará, vem perseguindo padres e agentes de pastoral que aqui estão atuando. Eis alguns fatos:

Numa série de artigos no *Jornal de Santarém*, vários membros do PDS acusam o trabalho da Igreja de subversivo, comunista e agitador. Alguns vereadores do PDS acusaram os padres que trabalham em Monte Alegre de agitadores. As acusações pesaram principalmente sobre frei Gregório e os seminaristas, acusados de estarem insuflando os agricultores para deixarem de pagar as mensalidades do Sindicato da categoria.

No mesmo jornal, os vereadores do PDS acusam também o frei Ricardo, alegando que este estava atacando os políticos pedessistas. O que mais irritou os vereadores do PDS foi uma faixa com a frase "Felizes os que sofrem por causa da Justiça", colocada na igreja de São Francisco, no dia 4 de outubro, quando se celebrava

uma missa de solidariedade com os padres e posseiros presos no Araguaia. Segundo os vereadores, a frase na faixa era contra eles e contra o governo.

Em março deste ano o executor do INCRA, José Sanches, o presidente do diretório municipal do PDS e um homem que se dizia agente da Polícia Federal, apareceram na comunidade de Agú das Três Bocas, invadiram a capela e de lá arrancaram um cartaz que convidava os lavradores a participarem do Sindicato. Pouco depois este cartaz foi recuperado por uma catequista do local.

O grupo andava num jipe Toyota, do INCRA. Além da comunidade de Agú das Três Bocas, eles andaram em várias comunidades do interior de Monte Alegre, rasgando cartazes de propaganda das eleições sindicais e tentaram amedrontar o povo do interior. (Um leitor da Tribuna Operária no Baixo Amazonas — Monte Alegre, Pará)



Um brasileiro que quer ter casa para morar

Às vezes fico imaginando o futuro do povo brasileiro. O proletariado é quem passa as situações mais difíceis, sendo privado de muitos direitos. Quero saber até quando as autoridades brasileiras, os dirigentes brasileiros darão prioridade aos estrangeiros, esquecendo que o Brasil é dos brasileiros.

Chega! Já é hora de parar com essa onda de sabotagem, de usar o nosso fracassado cruzeiro para influenciar em uma decisão. No caso da invasão da área da T. Suzuki, em guaianazes, ficou bem claro a total prioridade e o entreguismo de terras brasileiras a estrangeiros.

O povo invadiu as terras, construiu — pois não tinha onde morar, outros fugiam do aluguel. Gastando suas

economias, outros se demitiram do emprego para pegar uns trocos a mais para comprar bloco, cimento, construir dois cômodos e colocar sua família. Mas, mais uma vez o dinheiro entrou em cena. Companhia rica, a justiça foi a favor dela.

Enquanto isso, brasileiros dormem em prédio escolar, viajam em caminhão com o rigor do frio e do vento. E a área, com 50% já construída e em construção, a T. Suzuki cercou, interditou, pôs seus jagunços e não permite a entrada nem para apanhar uma enxada. Estou decepcionado. Não parece Brasil de brasileiro, parece colônia estrangeira. (Um brasileiro que procura ter uma casa no Brasil — São Paulo, SP)

Coneg da UBES cobrará promessas dos eleitos

O Brasil marcha decidido rumo à democracia. A estrondosa vitória oposicionista em todo o país prova o repúdio do povo a política suicida adotada pelos generais.

O III Conselho Nacional de Entidades Gerais — CONEG, deverá refletir a ampliação da luta para por fim ao regime de Figueiredo e conquistar as mais amplas liberdades políticas.

Nós, secundaristas, temos tarefas imediatas a cumprir. Em primeiro lugar exigir de todos os governadores eleitos a aplicação de 25% do orçamento estadual na educação, principalmente dos que foram eleitos pela oposição e que se comprometeram durante o processo eleitoral. Em segundo lugar, o reconhecimento de todas as entidades estudantis e nível de estado e municípios, como também a campanha nacional pelo reconhecimento da UBES.

Nesse CONEG também estará em pauta o local e data do próximo

congresso de nossa entidade, anteriormente marcado para esse ano.

Alguns grupos políticos divisionistas estarão presente no propósito de atacar a UBES e sua diretoria. A convocação deste conselho deve ser reforçada em todos os Estados. A presença do máximo de entidades é fundamental.

As tentativas divisionistas saíram muito desgastadas desse processo eleitoral, mas é preciso enterrar de uma vez por todas esse germe nefasto para o nosso movimento.

As condições para o avanço de nossa organização estão dadas mas é preciso ir além da compreensão política, é urgente colocá-la em prática, respondendo à altura aos ataques do MEC ao ensino brasileiro, rumando para a conquista de um ensino democrático, voltado para a maioria do povo brasileiro.

Apolinário Rebelo, vice-presidente da UBES — São Paulo, SP)

Bradesco suga o nosso sangue e depois dispensa sem pagar

Venho por meio desta solicitar de vocês atenção no sentido de publicarem alguma coisa sobre o tratamento que o Bradesco (Banco Brasileiro de Descontos), agência Sete de Setembro, Manaus, dispensa a seus funcionários. Sugam-nos o sangue e depois dispensam-nos por justa causa.

O pior é que parece haver um convênio entre o Bradesco e o Ministério do Trabalho, pois nunca o pobre bancário recebe no Ministério. Eles tratam bem, vão lá no banco e ajeitam com o gerente, todavia tudo é encenação,

pois no final o resultado é um só: ferro.

A única coisa capaz de fazer a diretoria geral intervir e acabar com as injustiças é uma reportagem em jornal. Já escrevi duas cartas para Belém, porém acho que nunca chegaram lá...

Se vocês derem uma força podem acabar com as "peixadas" das grandes empresas no Ministério, que só ferra empresas pequenas. As empresas grandes citam a lei no Ministério do Trabalho. (E.M. — Manaus, Amazonas)



fala o POVO

Dois cartas de professores, vindas de dois estados onde o PDS ganhou (por pouco) o governo, espelham o drama do professor brasileiro. Ganhando às vezes um salário-mínimo, e às vezes menos ainda, ele é um dos grandes injustiçados pelo regime militar.

Nos Estados onde a oposição triunfou nas eleições, surge no povo uma ponta de esperança de que isto venha mudar. "Eu peço socorro à oposição", diz em verso um leitor-poeta de São Paulo. Mudanças maiores, porém, só virão mesmo quando tivermos outro governo em Brasília. E para isto o povo, a grande força modificadora do país, ainda tem outras batalhas decisivas pela frente, além do 15 de novembro.

Quem fala em greve na obra é demitido sem explicação

Sempre que levamos o jornal *Tribuna Operária* aos trabalhadores da construção de um conjunto de prédios, na rua Araújo Pimenta nº 402, no Morro do Estado (subida) eles nos pedem para denunciar a exploração da construtora CIMCA S.A., que costumeiramente atrasa o pagamento da peça, obriga-os a fazerem horas-extras sem remunerações e, ainda por cima não pagou o aumento a que têm direito desde o último mês. Aqueles que se revoltam, fazendo paralisações parciais ou conclamando os companheiros para uma greve, são sumariamente demitidos sem nenhuma indenização.

"Esta situação revoltante não ficará assim", dizem os trabalhadores, que já iniciaram uma paralisação, prometendo ampliar mais ainda o movimento contra os exploradores da construtora CIMCA S.A. (Um colaborador da TO — São Paulo, SP)

Velho ferroviário aposentado não janta desde 1978

Eu sou um ferroviário aposentado por tempo de serviço e se eu fosse confiar na empresa já teria perdido as condições de viver. A primeira coisa que eu tive que fazer foi reduzir a janta. Desde o dia 12 de maio de 1978 desacomodei de jantar comida de sal.

Apesar do governo não governar o país sozinho porque ele tem o seu Ministério, eu comparo o governo a um chefe de numerosa família. E um bom chefe de família precisa se dividir entre os filhos. Assim também o governo não pode proteger mais uma classe do que outra.

No que eu tenho observado, aqui vai uma lista de críticas: 1) Os governos anteriores deixavam os fazendeiros muito à vontade e eles foram muito egoístas e queriam só para si. O povo foi vindo para a cidade a fim de procurar melhores condições de vida e foi uma das causas de diminuir a produção agrícola; 2) Desativação das ferrovias, a favor das rodovias, porque as ferrovias são mais econômicas para o país; 3) Quando a classe operária faz greve é porque já não está dando mais para viver e eles ainda põem a polícia em cima; 4) Deixam os bancos cobrarem juros muito elevado; 5) Descontos nos cartões dos aposentados e pensionistas da Previdência Social; 6) Projeto de diminuir a produção do açúcar e produzir mais álcool. (Um ferroviário aposentado de Campinas, São Paulo)

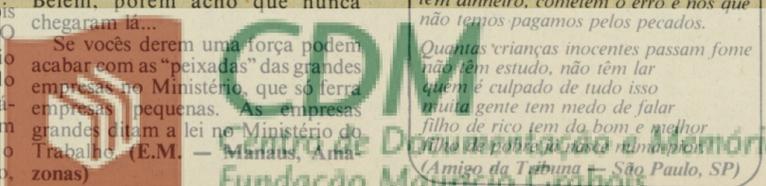
Socorro oposição

Peço aos candidatos que forem eleitos pelo PMDB tenha dó da classe pobre não nos deixa mais sofrer um pai que tem dois filhos ou mais que ganha salário-mínimo para alugar um que mora em baixo da ponte ou do chapéu.

Eu peço socorro à oposição não deixem nós pobres na ilusão porque quem é rico cada vez mais pobre e quem é fraco cada vez está mais pobre eles tem dinheiro, deitam e rola eles querem que pobre pede esmola

Quanta gente no Brasil não tem casa, não tem pão será que eles não percebem que somos irmãos quem está trabalhando, tem medo de ser desempregado os grandes porque têm dinheiro, cometem o erro e nós que não temos pagamos pelos pecados.

Quantas crianças inocentes passam fome não têm estudo, não têm lar quem é culpado de tudo isso muita gente tem medo de falar filho de rico tem da bom e melhor filho de pobre não tem educação (Amigo da Tribuna — São Paulo, SP)



LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Organização de vanguarda

O agravamento da crise capitalista conduz ao confronto cada vez mais declarado entre as classes. Milhões de operários participam das grandes greves. Junto com os trabalhadores das mais diversas categorias e amplos setores sociais, mobilizam-se para as batalhas eleitorais e para os protestos de rua contra o governo. Crescem os sindicatos, as organizações de fábrica, os movimentos de bairros, as organizações femininas e da juventude, etc. Mas todo este movimento de massas só pode levar a transformações profundas na sociedade se for conduzido com acerto por uma organização revolucionária de vanguarda.

LUTA ESPONTÂNEA

As diversas organizações de massas, surgidas espontaneamente pela necessidade de união para enfrentar os patrões e o governo, têm objetivos limitados e visam atender aos interesses imediatos do povo. São organizações amplas, acessíveis a todos os trabalhadores, com um mínimo de condições para o ingresso de novos membros. Para o desenvolvimento da luta de classes, quanto maior o número e mais variado o tipo de organizações, maior o número de trabalhadores que se incorporam ao combate. Mas apenas estas formas de união não são suficientes para liquidar a exploração e a opressão capitalistas.

Para conduzir a revolução, é indispensável uma organização superior, com coragem para conduzir as massas à luta pelo poder, com experiência para se orientar mesmo nas condições mais complexas e flexível para enfrentar todos os obstáculos. É indispensável um Partido que domine a teoria da revolução, que não se limite a constatar os interesses e as ideias surgidas no movimento espontâneo das massas. O Partido, para dirigir a luta de classes, tem que ver mais longe, ajudar o proletariado a tomar consciência dos seus interesses mais gerais e dos objetivos a longo prazo.

VANGUARDA OPERÁRIA

A organização de vanguarda dirige a atividade das demais organizações de massas. Seus militantes não são apenas os grevistas ou os lutadores que surgem das lutas espontâneas. O Partido da classe operária organiza os elementos mais combativos, mais esclarecidos, mais experientes, que contam com o prestígio das massas, e contribui para a sua formação teórica e prática como elementos de vanguarda.

Com o objetivo de sabotar a revolução, determinadas correntes a serviço da burguesia difundem a ideia de um partido "de bases", eliminando a diferença entre a vanguarda e o conjunto da classe. Procuram criar um partido sindical, com uma organização débil e disciplina frouxa, sem condições de atuar como direção revolucionária condenado a oscilar de um lado para o outro ao sabor do movimento espontâneo.

Muitas vezes, mesmo revolucionários que aparentemente combatem esta ideia, acabam sendo influenciados por ela. Na prática afrouxam a luta pelas posições marxistas-leninistas, deixam de lado a política independente da classe operária e acabam se comportando apenas como democratas combativos.

DESVIO LIBERAL

Sob a influência destas concepções liberais, muitos revolucionários deixam de lutar pela imprensa revolucionária da classe operária, argumentam que para não "estreitar" o Partido não pode ainda se manifestar com sua fisionomia própria. Como consequência inevitável deixam de recrutar novos combatentes de vanguarda, limitam-se aos grupos de estudo, aos círculos de agitação, aos comitês eleitorais, adiando sempre a construção do destacamento marxista-leninista da classe operária. A seguir, agitação e propaganda revolucionária.



Palmares, terra de negros livres

No agudo e profundo processo de luta de classes que caracterizou o Brasil escravista, a República de Palmares (1630-1695) é talvez o episódio mais significativo. O líder da república na última etapa da resistência à repressão colonialista-escravocrata, Zumbi, é, por isto mesmo, reconhecido nacionalmente como um dos heróis da nossa história.

O símbolo de Zumbi, morto há 287 anos (provavelmente no dia 20 de novembro) é ainda uma permanência na consciência dos oprimidos do Brasil. Apesar de tudo o que a historiografia das classes dominantes fez para apagar o seu perfil, ele é lembrado

como um exemplo de heroísmo permanente.

Apresentada nos compêndios oficiais de História como simples episódio sem relevância, a República dos Palmares foi a maior prova de resistência contra o sistema colonial escravista e a mais

relevante organização dos negros do continente africano.

Para grande parte da opinião pública nacional, a República dos Palmares foi somente um ajuntamento de negros fugitivos, sem organização e sem estrutura interna capaz de ordená-la. No entanto nada é mais falso. Palmares, à medida que crescia, procurava organizar-se internamente para poder por em funcionamento os grupos populacionais do reduto. Com isto, tinham de surgir formas de governo, religião, família e especialmente economia. Transformou-se por isto em uma confederação de quilombos (cidades) sendo os principais: o quilombo de Zumbi, o de Acotirene, os dois mocambos das Rabocas, o quilombo de Dambabanga, a "cerca de Subupira" (onde se localizava o quartel-general da república), a "cerca real" do Macaco (capital da República), o mocambo de Osenga, o de Serinharem, a "cerca de amaro", o de Andalaquituche (irmão de Zumbi), o de Alguatune (mãe de Zumbi), além de muitos outros menores.



Os negros rebeldes eram ferozmente castigados.

Zumbi, o símbolo negro

Zumbi sintetizou mais profundamente a disposição de luta dos habitantes de Palmares e conduziu a luta até o fim, dando, inclusive, a sua vida em luta aberta contra os opressores. Em face disto, comemora-se no dia da sua morte o Dia da Consciência Negra, no qual a comunidade afro-brasileira e os oprimidos, injustiçados, perseguidos e discriminados encontram o seu dia de evocação e de luta.

Zumbi é hoje um símbolo não apenas da comunidade negra, mas um símbolo revolucionário para todos aqueles que desejam acabar com o preconceito de cor, a miséria, a opressão e a violência policial. De um modo geral, a comunidade negra, no momento, através das suas organizações, centra a sua luta contra a existência da discriminação racial, o racismo manifesto ou disfarçado que existe no Brasil. E, com isto, consegue mobilizar vastas camadas da população brasileira

(negra e branca) para exterminá-lo.

O preconceito de cor, o racismo, como sabemos, é um fenômeno super estrutural, isto é, reflete na sua irracionalidade ideológica a irracionalidade da estrutura, do sistema que o produz. Desta forma, não se pode combater o racismo, sem combater a estrutura que é o seu combustível: o sistema capitalista que divide a sociedade em oprimidos e opressores, dando aos opressores o poder de determinar aqueles valores que ele julga inferiores e superiores.

Hoje, 287 anos depois, as sequelas do escravismo somam-se ao sistema de exploração capitalista, motivo pelo qual a grande maioria do povo brasileiro, especialmente negros, mulatos, curibocas, mameleucos, brancos pobres e demais componentes das camadas e classes oprimidas, lutam para fazer do sonho de Zumbi, do heroísmo de Palmares, uma realidade que há de vir. (CM)



Negros no tronco: mesmo assim, não foram dobrados

(Clovis Moura)



Zé Carlos Machado e Mário Cezar Camargo, em Bella Ciao

Lutas operárias ocupam o teatro em Bella Ciao

O público de teatro, em São Paulo, está tendo a oportunidade de assistir uma peça repleta de emoção e carregada de verdade: **Bella Ciao**, de Alberto de Abreu. É a história de uma família de imigrantes italianos que, em São Paulo, acaba se incorporando às lutas operárias do início do século, notadamente o movimento anarquista.

"Nosso objetivo é tentar compreender o mundo atual, não desvincular o teatro do movimento da sociedade. Por isso, motivados pelas explosões das greves operárias que ocorrem de uns anos para cá, fomos até o próprio nascimento da classe operária brasileira", conta Alberto.

TRAJETÓRIA OPERÁRIA

A trajetória de Giovanni Baracheta e sua família é parte da trajetória da própria classe operária brasileira. Baracheta toma contato, no Brasil, com o movimento anarquista. Participa de greves e manifestações de rua. Em 1917, após a grande greve geral de São Paulo, em que o Estado fica desgovernado, o povo nas ruas, e os anarquistas desorientados, o próprio anarquismo é questionado.

Vários ativistas anarquistas passam a ser atraídos pelos ideais comunistas. Formam-se os grupos marxistas, que mais tarde fundarão o Partido Comunista do Brasil.

Baracheta não avança com sua classe. Continua professando o anarquismo. Seu filho Genarino, porém, adere ao Partido Comunista. Vem a

ditadura de Getúlio. E Genarino, que participara do levante da Aliança Nacional Libertadora em 1935, morre na prisão. Giovanni sofre um duro golpe. Mas não nega a luta travada. Orgulha-se do filho, que deu a vida na luta em defesa de sua classe.

Após relembrar esses e outros acontecimentos de sua vida, o velho Baracheta conclui que não poderia ser outra a sua existência, a não ser lutar, lutar sempre, por um mundo melhor. Em meio às lembranças, morre em 1945, pouco antes da queda de Getúlio e redemocratização do país.

UM GRANDE ACONTECIMENTO

A peça, conduzida agilmente pela direção de Roberto Vignati e tendo na atuação de Mário Cezar Camargo um de seus pontos altos, traça um vasto painel da história operária brasileira, de 1905 a 1945. Naturalmente, isso não deixa de trazer suas limitações a uma compreensão mais completa do que foi esse período.

Mas é um grande acontecimento para o teatro brasileiro que a luta da classe operária volte aos nossos palcos, nas mãos de um autor jovem. Uma peça digna de ser assistida por todos os trabalhadores, especialmente operários — apesar do preço proibitivo do ingresso (Cr\$ 1 mil a inteira, Cr\$ 600,00 estudante no TAIB).

O Grupo ARTEVIVA, que inicia sua carreira com **Bella Ciao**, promete ter uma longa trajetória de arte comprometida com a luta contra a exploração e opressão. Nada mais alvissareiro! (Carlos Pompe)

Carlos Nuzman: o cartola "muy amigo" do voleibol.

A despeito da inquestionável evolução do voleibol brasileiro, a sua direção ainda permanece em mãos autoritárias, como de resto ocorre em todas as modalidades esportivas. A boa participação das nossas equipes nos últimos torneios internacionais haviam contribuído para polir ilusoriamente a imagem de Carlos Nuzman, presidente da Confederação Brasileira de Vôlei. Porém o incidente com o jogador Badalhoça, do Atlético Mineiro e da seleção Brasileira, mostrou a sua verdadeira postura.

Badalhoça acionou medida cautelar contra a CBV visando transferir-se para o Penini da Itália, uma vez que Nuzman, arbitramento e cultura os

interesses dos jogadores, proibiu-os de atuarem em equipes de fora do país. Em represália à ação de Badalhoça, Nuzman acionou a FIVB, entidade internacional desse esporte, que suspendeu o atleta das competições oficiais do calendário das duas federações. Tendo conseguido imobilizar Badalhoça, Nuzman em seguida propôs um "acordo", pelo qual a CBV interferiria junto a FIVB para amenizar a punição, mediante o compromisso do jogador de suspender todas as ações contra ela.

Com benfeitores do tipo Nuzman, o voleibol não precisa transferir-se para o Penini da Itália, uma vez que Nuzman, arbitramento e cultura os

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luiz Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira
 Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.
 Sucursais:
 Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900.
 Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A (Praça da Saúde) - Caixa Postal: 1439 - Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000.
 Maranhão: Rua da Paz, 417 - Altos - Centro - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Rio Grande do Norte: Rua Fonseca e Silva, 1098 - sala 102 - Alecrim - Natal - CEP 59000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30, sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rio Venâncio Neiva, 318, 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42, 7º andar, sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP 55300. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299, sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. Av. Juracy Magalhães, 180 - sala 204 - Itabuna - CEP 45600. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573, sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadarez, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6889. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tels.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - São Bernardo do Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Campinas - CEP 13100. Paraná: Av. Wilson Churchill, 2030, sala 3 - Pinheiro - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 892, salas 7 e 8 - Londrina - CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52, sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montanary, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. A **Tribuna Operária** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorúes, Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531.8900 - São Paulo, SP.

"Não posso deixar de elogiar a **Tribuna Operária** pela ação desenvolvida durante todos estes anos, principalmente junto à classe operária, levando a informação, o debate e ajudando na sua organização. Estou certo de que ela contribuiu em muito para o avanço da luta operária e muito poderá contribuir ainda".
 (Aurélio Peres, Operária metalúrgico, deputado federal reeleito em São Paulo)



Ajude a imprensa operária a crescer

Desejo receber em casa a **Tribuna**. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

Anual de apoio (52 eds.) — Cr\$ 5.000,00
 Semestral de apoio (26 eds.) — Cr\$ 2.500,00
 Anual comum (52 eds.) — Cr\$ 2.500,00
 Semestral comum (26 eds.) — Cr\$ 1.250,00

Nome:
 Endereço:
 Bairro:
 Cidade: Estado:
 CEP: Telefone:
 Data: Profissão:



Fundação Maurício Grabois

Baianas do PMDB dão show de voto

Derrotado no pleito para governador, o PMDB baiano consolou-se com uma vitória arrasadora na capital. Terá 26 vereadores em Salvador, contra apenas seis do PDS. E mais impressionante ainda foi a vitória das mulheres opositoras, que ocuparam os três primeiros lugares na votação, com Eliana Kertesz, Jane Vasconcelos e Lídice da Mata.

Médica, casada, com apenas 27 anos e um grande talento artístico, Jane Vasconcelos tornou-se conhecida do povo desde que trabalhou no setor de saúde em alguns dos bairros mais pobres e populosos de Salvador: Santa Mônica, IAPI, Liberdade, Nova Divinéia.



Jane, com Haroldo Lima, eleito deputado federal: do MCC à Câmara

Houve até choro de alegria com a votação de Jane

Em 1981 ela foi escolhida para coordenadora do Movimento Contra a Carestia na cidade. E em agosto daquele ano estava à frente da luta contra o aumento das tarifas dos ônibus. Como se recorda, a intransigência do governo levou o povo revoltado a dar o troco, num grande quebra-quebra. Em represália, Jane foi perseguida e demitida do seu emprego no Estado. Mas apoiou a revolta popular. E não descansou enquanto as tarifas de ônibus não baixaram. Aí está o segredo de sua votação no dia 15.

Jane destaca a importância da bancada opositora feminina na Câmara Municipal: "Entraram pessoas que dentro da luta democrática têm mostrado seu valor. E, olhando o lado da mulher, é uma vitória nossa. Aqui a mulher tem sua participação garantida na Câmara, vereadoras que saíram das lutas populares para a luta parlamentar. Isto possibilita a luta por reivindicações específicas da mulher, como a luta por creches e por salário igual para trabalho igual".

Ela conta que sua campanha eleitoral "foi baseada num trabalho anterior" e — como toda campanha popular — enfrentou um grande problema: falta de dinheiro. E também a Lei Falcão, "que tira a possibilidade de que o candidato pobre vá à televisão para que as massas conheçam sua participação e sua coragem". Para superar tudo isso, Jane apoiou-se "no compromisso com o povo, sem vínculo nenhum com o poder". E ainda teve de enfrentar a perseguição governista, que chegou a prender propagandistas de sua campanha através da "Savak" — grupo parapolicial montado pelo governador situacionista Antonio Carlos Magalhães.

"Somos uma turma de briga, para o que der e vier"

Tudo isso explica porque houve casos de eleitores que choraram de alegria e emoção



Lidice da Mata, ao lado de Javier (à direita) e Lúcio (à esquerda), membros da UNE

Um espaço por ampliar

Na contagem geral das urnas, ainda não foi desta vez que as mulheres conquistaram o lugar que merecem na cena político-parlamentar. A votação em Salvador foi ainda uma exceção, embora tenha havido avanços. São Paulo, por exemplo, deverá enviar a Brasília três deputadas federais (duas do PT e uma do PTB), mas se Ivete Vargas estourou como a mais votada do PTB, com perto de

300 mil votos, isto deveu-se mais à falta de alternativas para os eleitores janistas do que a um comprometimento de Ivete com a causa da igualdade de direitos da mulher.



Ruth Escobar: feminista eleita

Mais importante neste sentido foi a eleição de mulheres como Ruth Escobar e Irede Cardoso. Ruth, artista e produtora de teatro, nascida em Portugal, organizadora da "Semana da Mulher nas Artes", deverá ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo pelo PMDB. Irede, jornalista, irá para a Câmara da capital paulista pelo PT. Ambas são conhecidas pela sua participação nas lutas pela emancipação feminina, que destacaram em suas plataformas.

A expectativa é de que, com uma atuação intensa e unitária, as mulheres ocupem o espaço político que lhes cabe no Parlamento.

quando souberam da votação de Jane Vasconcelos.

Lidice da Mata, a "baixinha valente", terceira vereadora mais votada de Salvador, vem do movimento estudantil. Foi presidente do Diretório Acadêmico de Economia e depois do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal da Bahia. Destacou-se no processo de reorganização da UNE e da UEB (União dos Estudantes da Bahia). No ano passado, o I Encontro da Mulher Baiana elegeu-a presidente da comissão organizadora do movimento de mulheres no Estado. Lidice considera o fato das três maiores votações para a Câmara Municipal serem femininas como uma demonstração "da força da mulher", que ganha consciência da necessidade de participar". Para ela, esta bancada feminina tem uma importância ainda mais especial "pelo fato de eleger pessoas que já levantavam no seu programa e já tinham uma prática política de defesa dos interesses da mulher".

Liu, como ela é conhecida, avalia que sua votação não foi unicamente de mulheres, "mas principalmente da juventude universitária, dos jovens, homens e mulheres", que acreditaram no seu trabalho. Ela teve também uma votação concentrada nos bairros da Federação e Brotas (onde reside), expressando a confiança das populações pobres e sofridas de Salvador uma mulher que luta.

Agora, Lidice prepara-se para "transformar a Câmara de Vereadores da cidade num palco de denúncia das condições de vida do povo e num instrumento de suas lutas". E não está sozinha, pois o povo baiano elegeu diversos candidatos populares. "Somos uma turma de briga — diz Liu, confiante — e estamos para o que der e vier". Também ela compenhou a pobreza de sua campanha "com a ajuda dos amigos e principalmente com a grande participação de estudantes e populares para conseguir dinheiro, para divulgar as idéias, enfim, para sustentar-se".

Ela teve mais de cem mil votos para dizer não ao PDS

Eliana Kertesz — a candidata mais votada para a Câmara Municipal de Salvador — tem 37 anos, é administradora de empresas e esposa do ex-prefeito da capital baiana — que rompeu com o partido do governo por divergir do tirânico governador Antonio Carlos Magalhães. Para Eliana, sua votação consagradora — mais de cem mil votos — exprimeu "a imensa vontade opositora da população de Salvador, uma vontade de romper com a prepotência e o arbítrio (do sucessor)



Na porta da Ford: "Tem que por o Maluf para fora, ele e aquele porquinho do Delfim..."

Os operários querem uma oposição unida

Nas fábricas de São Paulo, onde trabalha o maior contingente eleitoral do Estado, a votação dia 15 foi em bloco na oposição. A Tribuna conversou com os operários e constatou que, na base, a classe está unida. Mesmo quem votou no PT, ou em Jânio, comemorou a vitória do PMDB. E todos concordaram em dizer que seria melhor ter um só partido opositor.

"Na minha seção, — conta um metalúrgico da MWM — em 28 trabalhadores teve um que votou no Jânio e um no Lula. O resto foi tudo Montoro". "No meu ponto de vista tinha que ser alguém contra o governo" — declara outro operário, já de meia idade, que vota de 1956 e lembra ainda, com saudade, do tempo em que o povo elegia o presidente da República.

Na seção de manutenção, a Tribuna conseguiu localizar alguns eleitores do PT. Mas eles mesmo admitem que foram minoria, "porque a comissão de fábrica fez uma campanha boa para o PMDB". A comissão participou inclusive da boca de urna, dando força à candidatura do deputado Aurélio Peres, do PMDB, também ele operário metalúrgico da Zona Sul.

"SÓ NÃO PODIA DAR O PDS" Na Ford do Ipiranga, que também possui comissão de fábrica e considerável organização operária, nota-se uma presença maior do PT. Nenhum dos operários entrevistados, porém, repetiu os ataques ao PMDB feitos pela direção petista durante a campanha eleitoral. "Se



A MWM, com Aurélio; e o governista solitário da Ford, que foi da OBAN...

não foi o Lula, que seja o Montoro — desabafou um, com 16 anos de firma. — Só não podia dar PDS. O Maluf tinha que ser posto fora, ele e aquele porquinho do Delfim".

Numa rodinha de bar, em frente à Ford, um grupo que divide sua cerveja durante o intervalo do almoço concorda. Uns votaram PT, outros PMDB, mas todos comemoraram o resultado. "Foi bom, ótimo", diz um eleitor do PT. "Sendo oposição, tá bom", comenta outro. Um terceiro, com aprovação de todos, agrega: "Eu acharia melhor toda a oposição unida num só partido. Por isso que o Lula perdeu. Se fosse um só partido de

oposição, só os ricos iam votar no PDS".

A reportagem da Tribuna procurou em vão um eleitor do PDS na porta das fábricas. Achar um que não quizesse declarar seu voto, na Ford, e confessou ter pertencido ao quadro repressivo da OBAN, em 1973.

Diretoria da UNE toma posse

Francisco Javier Alfaya não pôde transferir pessoalmente o seu cargo de presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) para as mãos de Clara Araújo. Javier está processado e ameaçado de ser expulso do Brasil. A nova presidenta da UNE, Clarinha, falou perante o teatro Ruth Escobar, lotado, dia 23 em São Paulo.

Dezenas de entidades e partidos políticos estavam presentes para dar seu apoio à UNE. Um dos políticos presentes foi o senador Severo Gomes, recém eleito pelo PMDB de São Paulo, que afirmou: "A luta partidária não pode prescindir de todos os setores da sociedade. Por isso, em meu nome e do governo Montoro, queremos que a UNE continue na sua luta".

Esta nova diretoria toma posse enfrentando uma realidade bastante diferente das anteriores. A oposição assume o governo em diversos Estados e vários destes governadores já se comprometeram a apoiar a UNE na sua luta pela legalização. Falando à Tribuna Operária, Clara Araújo afirmou: "Acreditamos que a UNE terá um espaço de atuação com os governos eleitos, principalmente reconhecendo a nossa entidade".

Este ano a UNE completou 45 anos e sempre esteve na frente das lutas do povo brasileiro. A repressão não conseguiu calar sua voz.



Representantes de diversas entidades democrática foram à posse de Clara Araújo

Novas arbitrariedades do governo

Presente ao ato de posse da nova diretoria da UNE, o advogado Luis Eduardo Greenhalgh, além de conchamar os brasileiros a lutar contra a deportação de Javier, denunciou várias arbitrariedades praticadas pelo governo. Segundo Luis Eduardo, no dia anterior havia sido preso, a pedido do ministro da Justiça Abi Ackel, o professor cubano Reinaldo Coelho. A Polícia Federal prendeu-o na frente de seu filho. Motivo: o professor havia participado de uma passeata de protesto contra a repressão em El Salvador, em For-

teza, onde leciona. Greenhalgh também denunciou outros fatos envolvendo os órgãos de repressão da polícia militar. Segundo ele, o Tribunal de Justiça Militar está desengavetando diversos processos que estão parados há vários anos. Os militares estão temerosos que, com a posse de um governo de oposição no Estado, a Justiça Militar estadual seja composta por militares mais isentos. Com isto processos como o da Rota 66 e 120 poderiam tomar um novo rumo. Daí o interesse de julgá-los o mais rápido possível.

